

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Infraestruturas Industriais e Espaço Público
A Linha de Cintura Ferroviária de Lisboa: Intersecção do vale de
Chelas com a frente ribeirinha

André Manuel Amigo Filipe

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto João Maria de Paiva Ventura Trindade, Professor auxiliar
convidado

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Diogo Rabaça Figueiredo

Novembro, 2021

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Infraestruturas Industriais e Espaço Público
A Linha de Cintura Ferroviária de Lisboa: Intersecção do vale de
Chelas com a frente ribeirinha

André Manuel Amigo Filipe

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto João Maria de Paiva Ventura Trindade, Professor auxiliar
convidado

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Diogo Rabaça Figueiredo

Novembro, 2021

CENTRO CULTURAL DE XABREGAS

□ NOVO JARDIM DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS

**A LINHA DE CINTURA FERROVIÁRIA DE LISBOA: INTERSECÇÃO DO VALE DE CHELAS COM
A FRENTE RIBEIRINHA**

INFRAESTRUTURAS INDUSTRIAIS E ESPAÇO PÚBLICO

CENTRO CULTURAL DE XABREGAS

**COMO NOVO JARDIM DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS E NOVO ESPAÇO PÚBLICO NA
CIDADE.**

DISSERTAÇÃO. MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

ISCTE-INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ANDRÉ FILIPE. 78399

sob orientação do prof. João Ventura Trindade e Diogo Rabaça Figueiredo

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador da dissertação, João Maria Ventura Trindade, por todo o ensinamento prestado.

Ao professor e co-orientador, Diogo Rabaça Figueiredo, por toda a ajuda, disponibilidade e paciência.

À minha família, agradeço todo o apoio que me deram ao longo destes últimos anos.

Aos meus amigos, toda a força e incentivo que me deram.

Aos meus colegas Bernardo Custódio, Carlos Miguel, Duarte Leal, José Pinto, Márcio Silva, Vasco Diogo, um obrigado não chega.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, aborda o tema da linha de cintura Ferroviária de Lisboa, centrando o estudo nos espaços que são criados à medida da mesma e como estes espaços podem criar novas oportunidades de aproximar a cidade a esta infraestrutura. A investigação vai aprofundar o estudo da relação entre infraestruturas industriais e espaço público, e centrando-se a minha pesquisa na zona de Xabregas, perceber como este processo de industrialização na cidade afetou também o carácter patrimonial e cultural. Analisando também aquilo que era a relação desta zona da cidade e dos seus edifícios notáveis com o rio, relação esta, que seria muito importante naquilo que era as estratégias para a implantação destes edifícios junto à ribeira de Chelas, analisando mais concretamente o Convento da Madre de Deus, o palácio dos Marqueses de Nisa, e o Convento de São Francisco de Xabregas. Relação esta, que com o tempo se perdeu, primeiro pela construção da linha férrea e mais tarde pela construção do porto industrial.

A dissertação tem como objetivo, mostrar a importância histórica e cultural de Xabregas, incentivando uma futura intervenção, cosendo a cidade desde a zona ocidental de Belém, até à zona oriental do Parque das Nações que também já sofreu uma grande requalificação urbana com a Expo'98.

ABSTRACT

This Integrated Masters in Architecture dissertation addresses the theme of Lisbon's railway beltline, focusing the study on spaces that are created according to it and how these spaces can create new opportunities to bring the city closer to this infrastructure. The investigation will deepen the study of the relationship between industrial infrastructure and public space, and focusing my research on the Xabregas area, understand how this process of industrialization in the city also affected the heritage and cultural character. Analyzing also what was the relationship of this area of the city and its remarkable buildings with the river, a relationship that would be very important in what were the strategies for the implantation of these buildings along the Chelas river, analyzing more specifically the Convento da Madre de Deus, the palace of the Marquesses de Nisa, and the Convent of São Francisco de Xabregas. This relationship was lost over time, first by the construction of the railway and later by the construction of the industrial port.

The dissertation aims to show the historical and cultural importance of Xabregas, encouraging a future intervention, sewing the city from the western area of Belém to the eastern area of Parque das Nações, which has also undergone a major urban requalification with Expo' 98.

Keywords:

Industrialization

Patrimony

Infrastructure

Factories

Requalification

ÍNDICE DE DESENHOS E ILUSTRAÇÕES

- FIG. 001 - Plantas, Evolução Histórica de Lisboa
 FIG. 002 - Planta Lisboa, Cerca Moura e Cerca Fernandina
 FIG. 003 - Planta Lisboa, Edifícios Monumentais e Evolução urbana
 FIG. 004 - Planta, Lisboa Operária 1890, Fábricas
 FIG. 005 - Planta Lisboa, Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais
 FIG. 006 - Planta Lisboa, Malha Urbana Atual
 FIG. 007 - Planta Lisboa, Espaços e Corredores Verdes
 FIG. 008 - Ortofotomapa Lisboa, Edifícios Monumentais
 FIG. 009 - Zona Industrial de Xabregas
 FIG. 010 - Instalações CP-Comboios Portugal, Linha Ferroviária Norte
 FIG. 011 - Viaduto de Xabregas
 FIG. 012 - Análise Vale de Chelas
 FIG. 013 - Vista aérea sobre Belém
 FIG. 014 - Vista aérea sobre o Mosteiro dos Jerónimos
 FIG. 015 - Vista aérea sobre a Torre de Belém
 FIG. 016 - Vista do Convento da Madre de Deus
 FIG. 017 - Convento de São Francisco de Xabregas
 FIG. 018 - Vista sobre o Convento de São Francisco de Xabregas
 FIG. 019 - Torre de Belém
 FIG. 020 - Vista aérea sobre Belém
 FIG. 021 - Vista aérea sobre o núcleo fabril de Belém, Fábrica de Gás
 FIG. 022 - Viaduto de Xabregas
 FIG. 023 - Porto Industrial de Santa apolónia (Xabregas)
 FIG. 024 - Antigo Mercado de rua de Xabregas
 FIG. 025 - Vista aérea sobre Belém
 FIG. 026 - Vila Dias, Bairro Operário
 FIG. 027 - Vila Flamiano, Bairro Operário
 FIG. 028 - Chaminé Industrial, Xabregas
 FIG. 029 - Torre de Belém e a Fábrica de Gás
 FIG. 030 - Zona fabril junto à Torre de Belém
 FIG. 031 - Zona fabril junto à Torre de Belém
 FIG. 032 - Zona fabril e linha ferroviária de Xabregas
 FIG. 033 - Chaminé Industrial, Xabregas
 FIG. 034 - Linha ferroviária, Xabregas
 FIG. 035 - Núcleos fabris, Belém
 FIG. 036 - Chaminé Industrial, Belém
 FIG. 037 - Viaduto de Xabregas
 FIG. 038 - Linha ferroviária, Xabregas
 FIG. 039 - Planta baseada na carta topográfica de Lisboa, Filipe Folque, 1856-58
 Zona de Belém
 FIG. 040 - Planta baseada na carta topográfica de Lisboa, Filipe Folque, 1856-58
 Zona de Xabregas
 FIG. 041 - Planta baseada no levantamento da planta de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11
 Zona de Belém
 FIG. 042 - Planta baseada no levantamento da planta de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11
 Zona de Xabregas
 FIG. 043 - Planta baseada no levantamento cartográfico, Instituto Geográfico e
 Cadastral, 1950, Zona de Belém
 FIG. 044 - Planta baseada no levantamento cartográfico, Instituto Geográfico e
 Cadastral, 1950, Zona de Xabregas
 FIG. 045 - Planta baseada na malha atual de Lisboa, Zona de Belém
 FIG. 046 - Planta baseada na malha atual de Lisboa, Zona de Xabregas
 FIG. 047 - Ortofotomapa de Belém
 FIG. 048 - Ortofotomapa de Xabregas
 FIG. 049 - Hipsometria vale de Chelas
 FIG. 050 - Vulnerabilidade Sísmica dos Solos, Vale de Chelas
 FIG. 051 - Carta Geológica Vale de Chelas
 FIG. 052 - Vulnerabilidade a Inundações, Vale de Chelas
 FIG. 053 - Sistema Húmido e Sub-Sistema de Transição Fluvial Estuário, Vale de
 Chelas
 FIG. 054 - Estrutura Ecológica Integrada, Vale de Chelas
 FIG. 055 - Ortofotomapa de Xabregas, sobreposto os Planos de Urbanização do
 vale de Chelas
 FIG. 056 - Plano de Urbanização do vale de Chelas
 FIG. 057 - Plano de Urbanização do Vale de Santo António
 FIG. 058 - Plano Pormenor da Calçada das Lajes
 FIG. 059 - Envolvente da Terceira Travessia do Tejo
 FIG. 060 - Ortofotomapa de Xabregas, salientando os principais edifícios
 monumentais da área de intervenção
 FIG. 061 - Ortofotomapa editado, da área de intervenção
 FIG. 062 - Planta área de intervenção
 FIG. 063 - Planta baseada na planta de Lisboa de Filipe Folque, 1856,
 Área de Intervenção
 FIG. 064 - Planta baseada na planta de Lisboa de Silva Pinto, 1911,
 Área de Intervenção
 FIG. 065 - Planta da área de intervenção, 1950
 FIG. 066 - Planta da área de intervenção, atual
 FIG. 067 - Imagem zona fabril de Xabregas
 FIG. 068 - Maquete da área de intervenção
 FIG. 069 - Vista aérea editada, área de intervenção
 FIG. 070 - Corte transversal da área de intervenção
 FIG. 071 - Corte longitudinal da área de intervenção
 FIG. 072 - Praia da Marabana, Xabregas
 FIG. 073 - Antigo mercado de rua de Xabregas
 FIG. 074 - Corte transversal da área de intervenção
 FIG. 075 - Corte transversal da área de intervenção
 FIG. 076 - Continuação do corte longitudinal da área de intervenção
 FIG. 077 - Zona industrial de Xabregas
 FIG. 078 - Viaduto de Xabregas
 FIG. 079 - Fachada Convento da Madre de Deus
 FIG. 080 - Pórtico principal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 081 - Alçado principal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 082 - Planta do Convento da Madre de Deus
 FIG. 083 - Sistema de Hortus Conclusus e entradas
 FIG. 084 - Claustro do Convento da Madre de Deus
 FIG. 085 - Claustro principal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 086 - Corte Transversal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 087 - Muro da Cerca do Convento da Madre de Deus
 FIG. 088 - Muro da Cerca do Convento da Madre de Deus
 FIG. 089 - Pátio Convento da Madre de Deus
 FIG. 090 - Pátio Convento da Madre de Deus
 FIG. 091 - Pátio do Museu do Azulejo
 FIG. 092 - Corte transversal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 093 - Corte longitudinal do Convento da Madre de Deus
 FIG. 094 - Evolução da cerca do Convento da Madre de Deus
 FIG. 095 - Demolição das Chaminés Industriais, Belém
 FIG. 096 - Demolição das Chaminés Industriais, Belém
 FIG. 097 - Demolição das Chaminés Industriais, Belém
 FIG. 098 - Imagem aérea da Exposição do Mundo Português, Belém
 FIG. 099 - Maquete, Exposição do Mundo Português, Belém
 FIG. 100 - Plano e programa da Exposição do Mundo Português
 FIG. 101 - Vista aérea sobre a Praça do Império
 FIG. 102 - Vista aérea sobre a intervenção da Exposição do Mundo Português,
 Belém
 FIG. 103 - Vista aérea do Centro Cultural de Belém
 FIG. 104 - Praça do Centro Cultural de Belém
 FIG. 105 - Plantas e Cortes Centro Cultural de Belém

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

INTRODUÇÃO

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

01 Introdução

01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura

A presente dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, aborda o tema da linha de cintura Ferroviária de Lisboa, centrando o estudo nos espaços que são criados à medida da mesma e como estes espaços podem criar novas oportunidades de aproximar a cidade a esta infraestrutura. A investigação vai aprofundar o estudo da relação entre infraestruturas industriais e espaço público, e centrando-se a minha pesquisa na zona de Xabregas, perceber como este processo de industrialização na cidade afetou também o carácter patrimonial e cultural. Analisando também aquilo que era a relação desta zona da cidade e dos seus edifícios notáveis com o rio, relação esta, que seria muito importante naquilo que era as estratégias para a implantação destes edifícios junto à ribeira de Chelas, analisando mais concretamente o Convento da Madre de Deus, o palácio dos Marquês de Nisa, e o Convento de São Francisco de Xabregas. Relação esta, que com o tempo se perdeu, primeiro pela construção da linha férrea e mais tarde pela construção do porto industrial.

Esta que é uma zona de interseção do vale de Chelas com a frente ribeirinha, e por consequência a ligação do planalto através de um corredor verde ao rio, é vista com um forte potencial para a criação de novos espaços públicos na cidade de Lisboa. Através da análise de casos de estudo, procura-se encontrar exemplos que aliem esta relação entre infraestruturas industriais e o espaço público, criando a possibilidade de uma nova centralidade tanto programática como espacial na zona de Xabregas.

A estrutura da dissertação define-se em cinco capítulos, sendo o primeiro uma introdução e enquadramento ao tema, e os outros quatro capítulos, uma análise à evolução industrial e urbana da cidade de Lisboa, focando em Belém e Xabregas, levando a uma comparação exaustiva entre as duas zonas, terminando com a proposta de intervenção.

Relativamente aos elementos a investigar, neste caso Belém, passou por identificar situações e operações que tivessem como base a requalificação de frentes ribeirinhas portuárias e de uma área histórica e cultural, que outrora tivesse sofrido uma transformação muito por culpa da revolução industrial, à semelhança de Xabregas. Criando um programa que albergasse não só as necessidades do sítio e da sua população, como também, que recuperasse o carácter cultural e patrimonial da zona de Xabregas.

Neste caso ambas as zonas são também marcadas não só pela sua proximidade com o rio Tejo, mas também com a dos seus edifícios monumentais ao mesmo.

A dissertação tem como objetivo, mostrar a importância histórica e cultural de Xabregas, incentivando uma futura intervenção, cosendo a cidade desde a zona ocidental de Belém, até à zona oriental do Parque das Nações que também já sofreu uma grande requalificação urbana com a Expo'98.

01 Introdução

01.2 Contextualização Geral

Xabregas e Belém, tiveram a sua redefinição urbana com a Revolução industrial, época crucial para o desenvolvimento e reconstrução destas zonas. Ambas com um carácter cultural, histórico e patrimonial, estas foram perdendo a sua identidade e aos poucos, de zonas marcadas pelos seus terrenos agrícolas, quintas, palácios e relação com o rio, passaram a ser marcadas pelos polos industriais que aos poucos se iam implantando. A falta de espaços públicos qualificados foi crescendo, por culpa da ocupação fabril dos espaços não construídos.

A sobreposição de interesses económicos sobre o desenho urbano, levou a que a zona ribeirinha fosse também ela ocupada em ambos os casos.

Belém sofreu bastantes alterações na malha urbana ao longo dos tempos, mas a grande transformação aconteceu em 1940, com a Exposição do Mundo Português, que voltou a definir aquela que era a identidade de Belém e a sua importância como impulsionador das descobertas marítimas.

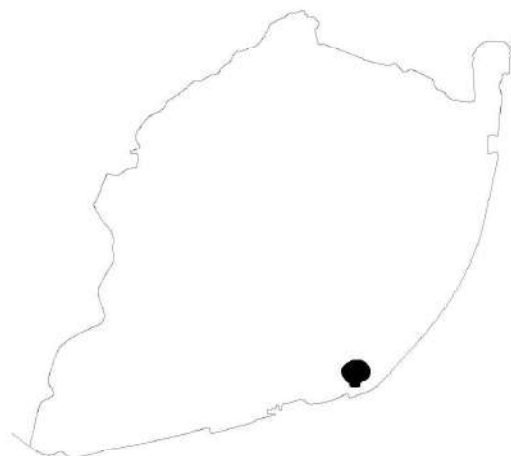
Em Xabregas, zona de intervenção, o Convento da Madre de Deus, viu a sua cerca conventual ser ocupada de uma forma progressiva e desorganizada. Os muros que limitam a cerca ainda se mantêm, porém, o carácter de jardim conventual foi totalmente absorvido.

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade

1147



1800



Lisboa, a cidade das sete colinas, e capital de Portugal, foi fundada com o nome Alis Ubbo (que significava, porto seguro), pelos Fenícios e mais tarde seria ocupada pelos Gregos e Cartagineses.

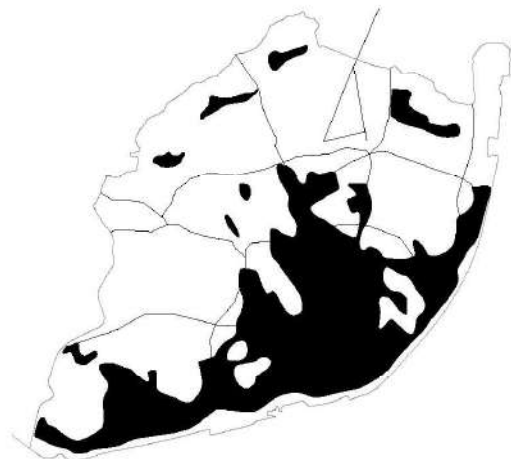
Em 195 a. C., a cidade é conquistada pelos Romanos passando a chamar-se Olissipo.

Uma cidade que situada num ponto estratégico e moldando-se às suas colinas, lhe permitia ser um centro de defesa.

Nas suas periferias, instalavam-se as famílias que cultivavam as terras e recebiam proteção em troca de vinho e comida.

Em 711 eram os Muçulmanos que iriam dominar a cidade e esta passaria a chamar-se Al-Ushbuna. Afonso II iria mais tarde recuperar a cidade, mas a verdadeira reconquista é feita por D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, que expande a cidade para além das suas muralhas. Mais tarde, começou a expansão marítima de Portugal e o aumento do poder da cidade.

1950



Com a formação de Portugal, Lisboa com a sua importância económica e política, vai tornar-se a capital do país no século XIII. A localização geográfica da cidade foi muito importante para o seu enriquecimento, a proximidade com o rio mais importante da Península foi crucial para o seu desenvolvimento, pois proporcionava-lhe estar no centro das rotas marítimas, fortalecendo as suas relações comerciais.

O porto era a principal fonte de comércio na cidade, e essa importância era visível com a expansão do mesmo para além das margens do Tejo. O porto permitia também descanso às frotas que navegavam ao longo da costa, e esse foi também um factor muito importante para o seu enriquecimento. A partir do século XV, o porto de Lisboa já era visto como um dos mais importantes do mundo

Com o terramoto de 1755 a cidade é destruída, e Marquês de Pombal elabora o plano de reconstrução, levando a um novo traçado geométrico e grandes eixos, onde a principal praça teve o nome de praça do Comércio, glorificando a importância do porto para o enriquecimento da cidade.

1375



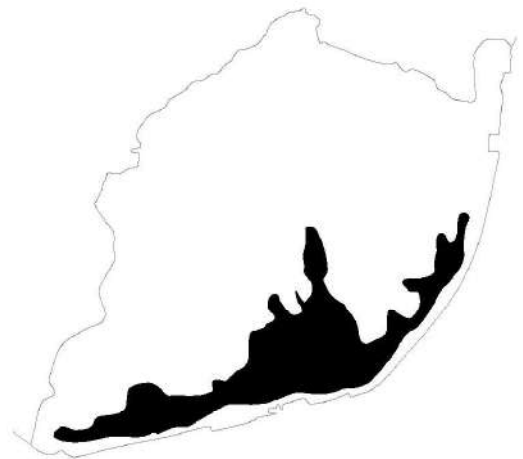
1650



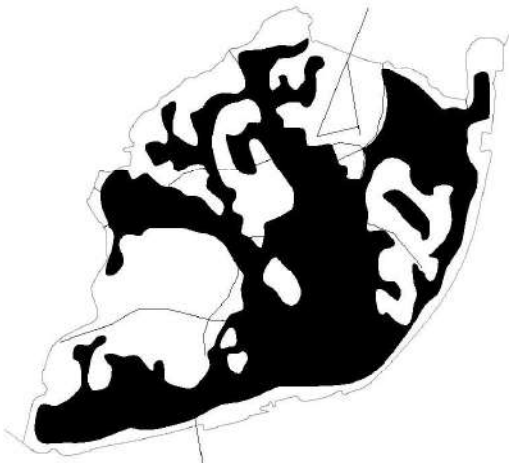
1866



1911



1990



2018

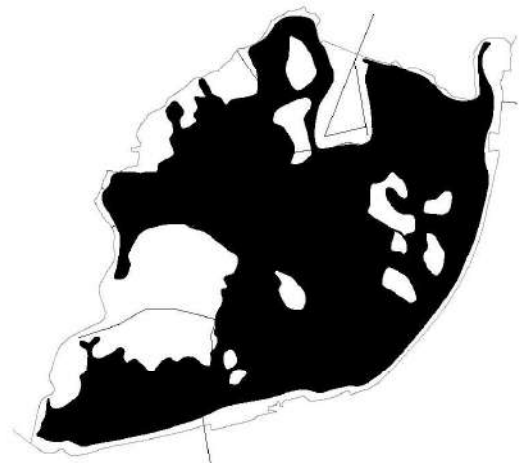


Fig. 001
Plantas Evolução Histórica de Lisboa

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais





Fig. 002
Planta Lisboa, Cerca Moura e Cerca Fernandina

Lisboa trata-se de uma cidade mediterrânea, cercada pelas suas muralhas e que combina as suas colinas defensivas com o porto comercial. A cidade expande-se na direção do rio e em direção às colinas, uma consequência natural do desenvolvimento populacional, e eram as igrejas e os conventos que se tornavam os principais núcleos de povoamento, e onde as ruas terminavam em praças. Com esse crescimento natural, uma nova cerca foi fundada, a Cerca Fernandina.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais

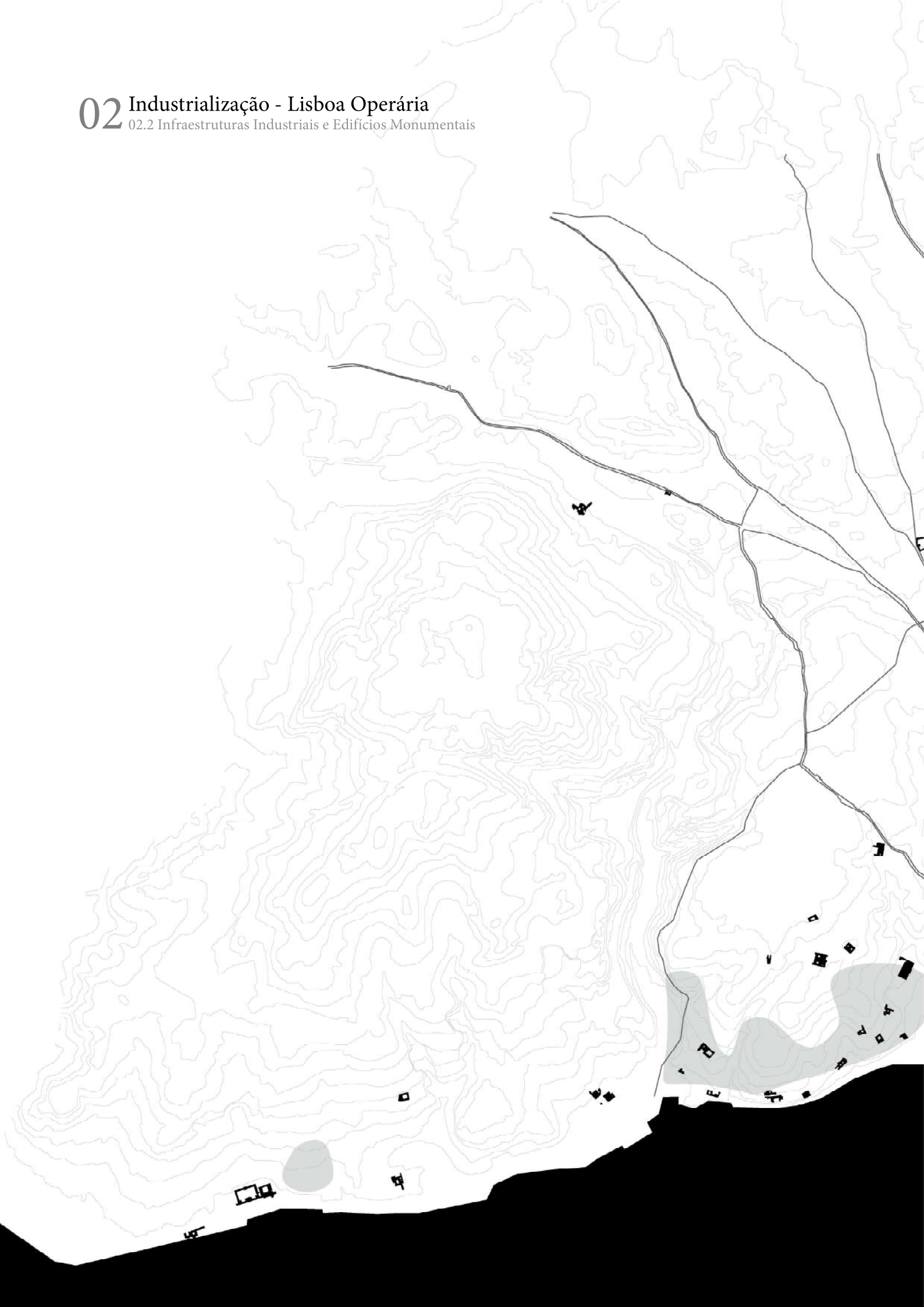




Fig. 003
Planta Lisboa, Edifícios Monumentais e Evolução urbana

Ao analisar os edifícios monumentais da cidade de Lisboa, percebemos que muitos destes foram implantados junto à zona ribeirinha da cidade. A proximidade com o rio tornava esta zona muito apelativa por parte da nobreza para implantação dos seus palácios, não só por ser aqui que aconteciam os grandes câmbios comerciais, como também por ser uma zona muito procurada para férias das famílias nobres. Eram também zonas com maior facilidade na recolha de água, o que ajudava no cultivo das suas grandes quintas.

Os mosteiros e conventos também procuravam não só a proximidade com o rio, como também dos vales, o que lhes permitia usufruir das ribeiras que vinham desaguar no rio, e das terras mais férteis que estes vales proporcionavam. Mas com a industrialização, muitos destes edifícios perderam a relação que tinham com o rio, não só com as sucessivas obras do aterro que proporcionavam o aumento do porto industrial, mas também com a construção da linha férrea.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais





Fig. 004
Planta, Lisboa Operária 1890, Fábricas

A malha urbana da cidade continuava o seu processo de expansão, e com o levantamento geográfico da distribuição fabril, conseguimos perceber que o desenvolvimento industrial teve um grande impacto no carácter cultural e patrimonial da cidade de Lisboa. A maior concentração de núcleos fabris assenta sobre o centro da cidade, mas desenvolvia-se para as periferias.

As zonas com edifícios monumentais viam agora nascer fábricas junto às suas fachadas, e com a extinção das ordens religiosas em 1834, muitos dos conventos, e mosteiros perdem o seu carácter religioso e acabam por também eles serem ocupados por indústrias.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais





Fig. 005
Planta Lisboa, Infraestruturas Industriais
e Edifícios Monumentais

O desenvolvimento industrial, levou à inovação do transporte público e de mercadorias, o comboio. Uma nova infraestrutura industrial chegava à cidade de Lisboa, e a construção da linha ferroviária acabou por ter um grande impacto, criando barreiras intransponíveis, viadutos e aterros. Um caso particular, acontece na zona de Xabregas, onde a linha ferroviária acaba por cruzar entre o Convento da Madre de Deus e o Convento de São Francisco de Xabregas, destruindo-lhe parte do mesmo.

No século XIX, a cidade cresce em direção ao rio Tejo, começa a construção do aterro, com intuito de se implantar o Porto Industrial de Lisboa. Uma nova infraestrutura industrial que criava uma nova barreira na cidade, privando o acesso ao rio por parte dos seus habitantes, e a relação da própria cidade com o Tejo.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais

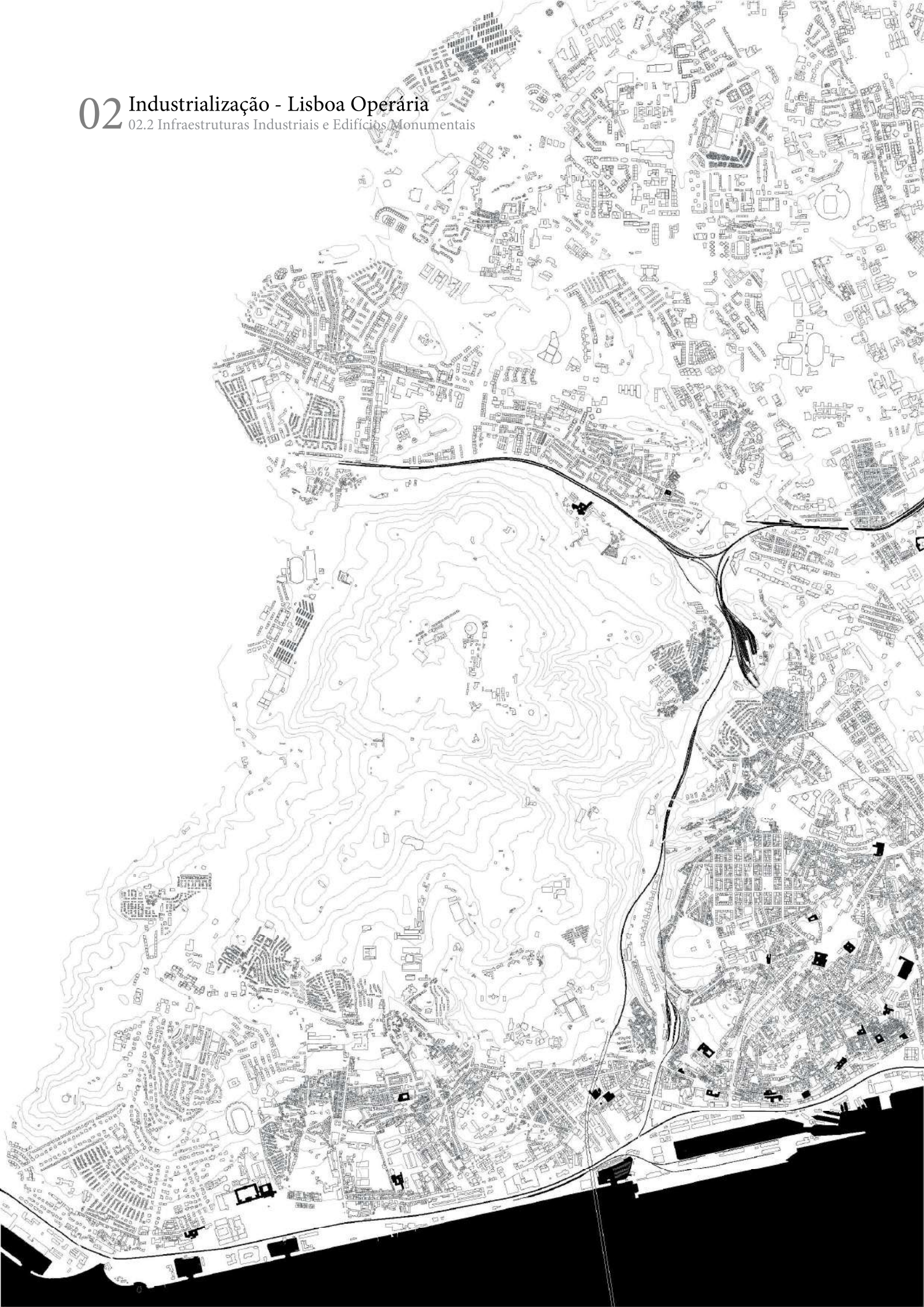




Fig. 006
Planta Lisboa, Malha Urbana Atual

O porto de Lisboa sofreu várias obras de expansão com destaque para os finais do século XIX, como o início das obras do aterro e consequente linha férrea, e mais tarde nos anos 40 do século XX, o aumento dos cais e construção das gares marítimas. No século XX a Avenida da Liberdade passou a ser o principal eixo da cidade.

Em 1966 é construída uma das maiores infraestruturas industriais da cidade, a ponte 25 de Abril, um eixo que ligava a margem sul, à cidade de Lisboa, durante estes anos Lisboa sofreu um grande desenvolvimento demográfico e expansivo, muito por culpa do golpe de estado, conhecido como a "Revolução dos Cravos" e que pôs fim à ditadura de salazar.

Em 1940, ocorre a Exposição do Mundo Português, em Belém, que levaria a uma grande requalificação urbana naquela zona.

Em 1998, Lisboa recebe a Exposição Universal (Expo98), que transformou a parte oriental da cidade.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.3 Espaços e Corredores Verdes

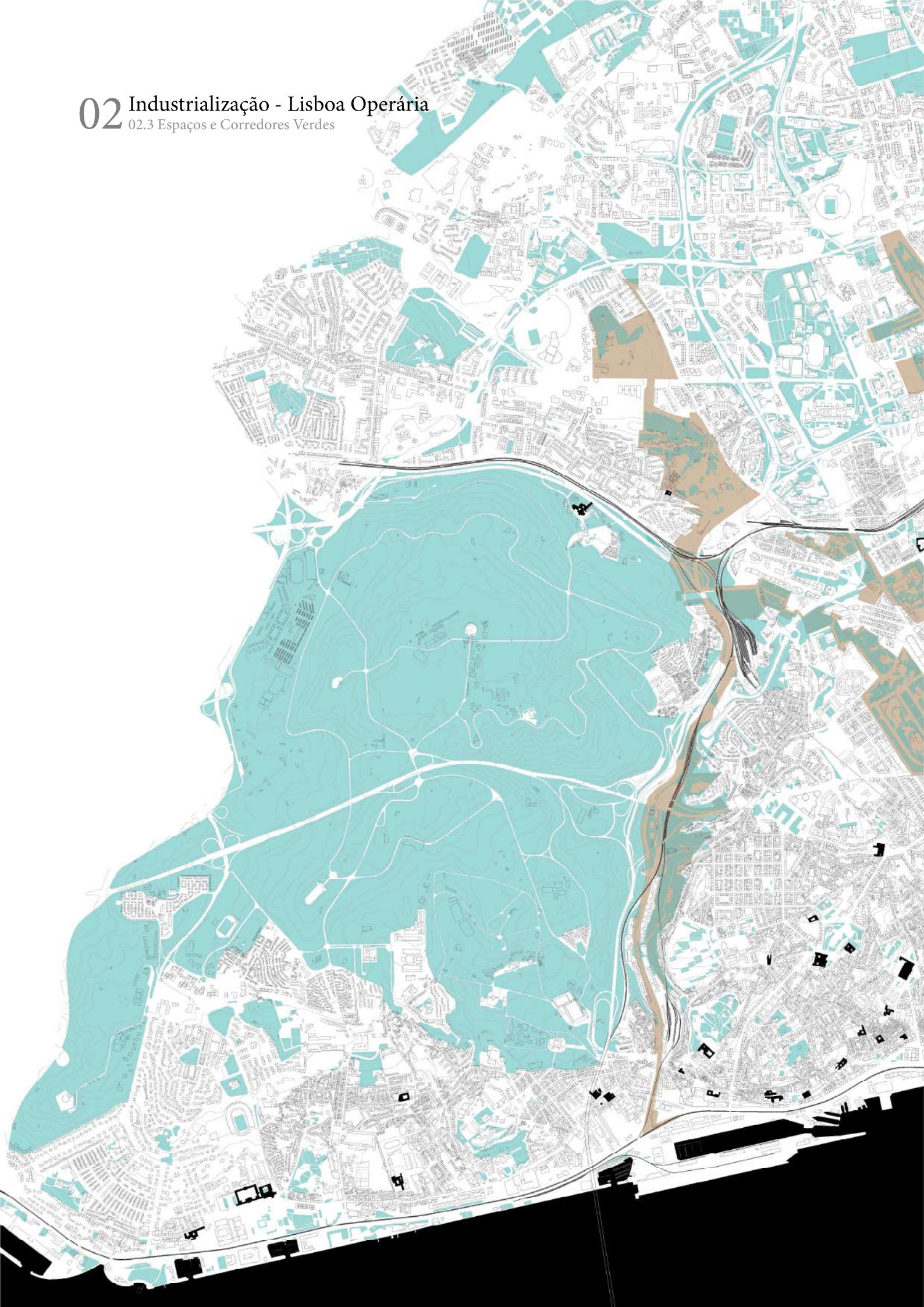




Fig. 007
Planta Lisboa, Espaços e Corredores Verdes

A linha de cintura ferroviária moldou-se à topografia da cidade, acompanhando os seus principais vales, o vale de Alcântara e o vale de Chelas.

O vale de Chelas acabou por sofrer com a construção desta linha ferroviária e de toda a industrialização que nele se foi fixando. O facto de ser um vale quase periférico em relação ao centro de Lisboa, nunca foi alvo de grandes intervenções, ficando um pouco estagnado e vivendo das suas construções em degradação. Esta dissertação defende que este vale tem de ser visto como uma grande potencialidade como corredor verde na cidade, que liga a zona do planalto à zona ribeirinha, e que é coroado com dois edifícios monumentais, como o Convento da Madre de Deus e o Convento de São Francisco de Xabregas.

02 Industrialização - Lisboa Operária

02.3 Espaços e Corredores Verdes





Fig. 008
Ortofotomapa Lisboa, Edifícios Monumentais

O elétrico e os primeiros autocarros são uma resposta ao desenvolvimento e crescimento, o comboio levou a um crescimento suburbano radial levando à centralização de núcleos junto às estações, principalmente junto ao eixo industrial que segue o rio e a linha férrea. O desenvolvimento das acessibilidades, como a ponte Vasco da Gama, o comboio na ponte 25 de Abril, contribuíram para o alongamento do território e as relações com as periferias, desenvolvendo a Área Metropolitana de Lisboa.

De seguida, surge uma análise a duas zonas da cidade, Belém e Xabregas, duas zonas com um grande conteúdo histórico e patrimonial, que viram o processo de industrialização corromper a forte ligação dos seus edifícios monumentais com o rio, porém uma destas zonas já sofreu uma das maiores requalificações da cidade de Lisboa, a outra é defendida com esta dissertação, como uma zona com potencial para requalificação futura.

BELÉM

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril

O Vale de Chelas é uma área rica em vestígios da presença humana, desde a ocupação pré-histórica à Revolução Industrial, e era já bastante povoada na Idade Média. Pensa-se que há muitos anos, corresse pelo vale um pequeno esteiro do Rio Tejo, que acabou por secar, mas mantendo os terrenos férteis.

A área de Marvila possuía mesquitas dos mouros e terrenos que foram doados por D. Afonso Henriques à Mitra de Lisboa, fez também várias doações de terrenos às ordens religiosas e militares, e a membros da nobreza.

O território que hoje alberga a freguesia do Beato, era no século XIII, constituído por vinhas e olivais.

A partir do século XV os terrenos ao longo do Vale de Chelas deram origem às imensas quintas de Marvila, até essa muitas instituições religiosas, tiveram aqui propriedades como a Mitra de Lisboa, Mosteiro de Chelas, S. Vicente de Fora e de Santa Cruz de Coimbra.

No século XVIII, o vale de Chelas era caracterizado pelos terrenos baldios, hortas e pomares junto aos conventos, pelos palácios e quintas. A ocupação do vale começou por ser feita devido ao seu terreno irregular, na parte jusante, junto ao rio. Nesta altura o Vale de Chelas ainda não era visto como pertencente à cidade, mas sim um vale na periferia da mesma, então a ligação entre as malhas urbanas e a cidade, fazia-se através do antigo caminho do oriente, onde a topografia era menos irregular.

Na planta topográfica de Filipe Folque de 1856-1858, observamos edifícios religiosos que resultava na fixação da população, os palácios, armazéns, fábricas, e edifícios habitacionais situavam-se mais perto na zona ribeirinha. Ainda assim, começam a surgir para montante, quintas e propriedades agrícolas, e conventos.

Os primeiros vestígios industriais nesta zona da cidade datam dos finais do século XVIII. Aqui existiam várias oficinas e pequenas fábricas contendo fornos próprios onde se trabalhava o vidro, curtumes ou tecidos. Mas na zona oriental de Lisboa o principal ponto de referência da expansão industrial foi o Vale de Chelas, que em meados do século XIX, retinha unidades fabris nas quais se trabalhava o algodão e os têxteis.

Em Xabregas, instala-se em 1834 o primeiro grande núcleo industrial de têxteis, a Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonenses, que mais tarde iria dar lugar à Companhia dos Tabacos.



Fig. 009
Zona Industrial de Xabregas



Fig. 010
Instalações CP-Comboios Portugal, Linha Ferroviária Norte



Fig. 011
Viaduto de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril

Entre o final do século XVIII e o início do século XIX a construção de fábricas e oficinas é claramente acentuada, impulsionadas pela junção do Comércio, uma tendência que aumenta na zona oriental da cidade de Lisboa. Devido à inexistência de equipamentos sociais, eram as associações bairristas que num momento de união recreativa se juntavam, marcada pela indústria, eram estas as poucas formas de lazer que esta zona da cidade tinha.

Foi após o fim da Guerra Civil, que a cidade de Lisboa sentiu mais a revolução Industrial, as áreas que na altura se sentiam estar nas suas periferias, foram as principais zonas de fixação das empresas, como o caso do Beato.

Distinguimos no Beato, três fases do crescimento industrial. Primeira, nos anos 40 do século XIX, com a revolução da máquina a vapor, o surgimento de pequenas indústrias têxtil. Segunda, por volta de 1870, a construção dos grandes núcleos fabris. Terceira fase, fins do século XIX, estabilização na construção de novas indústrias na zona de Xabregas.

Início do século XIX, a zona oriental de Lisboa tinha um tecido rural, e era pontuada por conventos e quintas, esse tecido foi sendo alterado até se tornar uma zona de carácter industrial.

A construção da linha férrea e o reordenamento das instalações portuárias veio trazer novos espaços favoráveis a receber grandes polos industriais, e fazendo desta zona oriental o principal centro industrial de Lisboa.

Novos conceitos de habitação foram nascendo, como vilas operárias e pátios que albergavam aqueles que nas fábricas trabalhavam.

A linha de costa era no século XIX marcada pela existência de praias e pequenas docas, contudo foi transformada com as instalações industriais, a construção do aterro e a instalação do porto de Lisboa.

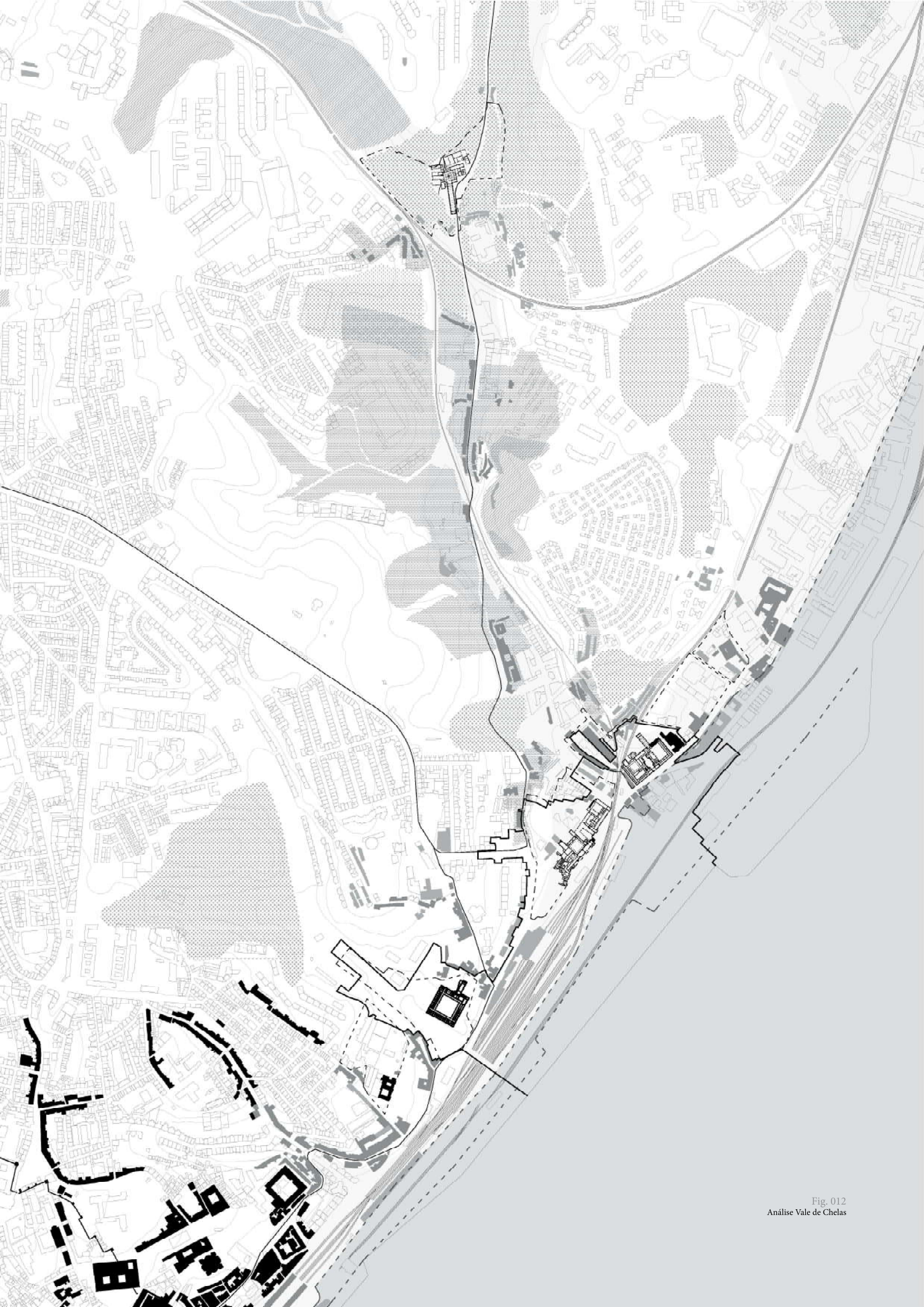


Fig. 012
Análise Vale de Chelas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial

Belém

Belém surge com o desenvolvimento de uma pequena aldeia, a aldeia do Restelo. A sua forte proximidade com o Rio Tejo, foi determinante para o aparecimento de atividades ribeirinhas o que proporcionou o desenvolvimento urbano desta zona da cidade. Nascida num surgidouro, muitos acabavam por não seguir até Lisboa, mas sim a ancorarem-se no Restelo, principalmente marinheiros que por ali ficavam. No século XIV, eram os mouros e escravos que cultivavam as terras, abasteciam a cidade e partiam para a pesca.



Fig. 013
Vista aérea sobre Belém

Durante o século XV, nem o porto do Restelo nem a própria zona sofreram um desenvolvimento acentuado, e não houve um crescimento populacional. Verificou-se sim uma constante integração na cidade de Lisboa, e nem a ordem de D. Manuel I para a fundação da nova igreja e Mosteiro dos Jerónimos, fizeram acentuar um crescimento urbano. Ainda no mesmo reinado, foi mandado edificar sobre pedras lançadas no mar “uma torre de quatro plataformas, erguidas em cantaria”, Ficava assim formado o conjunto monumental manuelino, a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos.



Fig. 014
Vista aérea sobre o Mosteiro dos Jerónimos

Foi a partir daqui que a pequena costa entre Belém e Lisboa, começou a sentir uma adesão maior, principalmente, por parte da nobreza, onde passaram a habitar temporariamente de uma forma sazonal, e implementaram quintas e propriedades de recreio. Com o desenvolvimento populacional foram também construídos novos conventos feministas e Belém começava então a ser incluído dentro do perímetro da cidade.



Fig. 015
Vista aérea sobre a Torre de Belém

Xabregas

Xabregas ou Enxobregas, banhada pelo rio Tejo e povoada de vinhedos, hortas, olivais e pomares que abasteciam a cidade. Resultante do povoamento da pequena entrada do rio que acompanhava a ribeira vinda de chelas, levou ao desenvolvimento do núcleo urbano. Em meados do século XIII, o rei D Afonso III mandou construir um paço real que mais tarde iria ser incendiado durante a invasão castelhana de 1773, as ruínas desse paço real, foram doadas para ali se fundar um convento franciscano, que se iria chamar, Convento de São Francisco de Xabregas. Xabregas, sítio conhecido pelos seus conventos e local de escolha da corte, era também nesta zona da cidade que a nobreza instalava as suas quintas e casas de campo e férias.

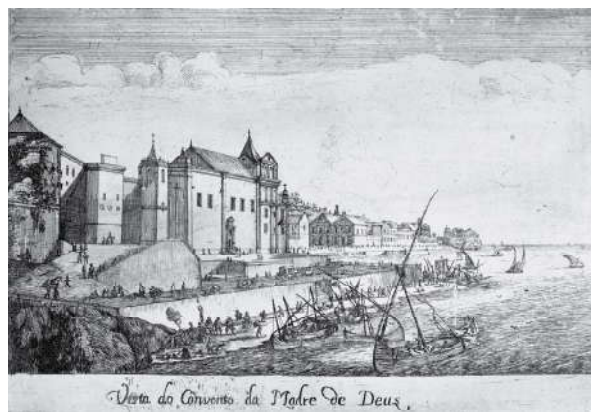


Fig. 016
Vista do Convento da Madre de Deus

Durante o século XVII surgem novos conventos, como o de Santos-o-Novo, e fortes como o da Cruz de Pedra. A permanência das quintas nobres era a imagem do carácter rural desta zona da cidade, mas com o terramoto de 1755, estas começam a sofrer um abandono, e mais tarde é construído em 1769 uma muralha de proteção contra o rio, na Cruz de Pedra.



Fig. 017
Convento de São Francisco de Xabregas

No final do século XVIII nascem as duas primeiras fábricas no Vale de Chelas, e aos poucos outros núcleos fabris, que com o decorrer dos anos, viriam a alterar todo o espaço verde de Xabregas.

Mais tarde acentuava-se ainda mais o processo de industrialização nesta zona da cidade, com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, os conventos perderam o seu carácter religioso e aqueles que se encontravam desocupados, foram ocupados por fábricas.



Fig. 018
Vista sobre o Convento de São Francisco de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial

Belém

No terramoto de 1755, Belém foi das zonas menos afectadas, o que fez com que muitos viessem da cidade para ali se instalarem em barracas que foram sendo construídas em terrenos baldios. Até mesmo o rei D. José e a sua corte se instalaram em barracas situadas em terrenos onde mais tarde se iria fundar o Palácio da Ajuda. Assim se formou um eixo principal de funcionalismo e comércio entre Belém e Ajuda, e que mais tarde com a implantação militar estaria definitivamente consolidada a integração de Belém com a cidade de Lisboa.



Fig. 019
Torre de Belém

Ao longo do século XVIII, afirmou-se a presença da indústria em Belém, com a implantação de polos fabris de diversos artifices. Em plena revolução industrial era Belém a charneira dessa forte mudança social, que se acentuava com a presença da população e construção de bairros operários.



Fig. 020
Vista aérea sobre Belém

Foram feitos grandes desenvolvimentos urbanos, como a construção do aterro desde Alcântara até à Torre de Belém, e consequente abertura de novos cais e docas, mas também a vulgarização de banhos que originam as primeiras coletividades de recreio e cultura. Foi também inaugurado o troço da linha férrea para Cascais.



Fig. 021
Vista aérea sobre o núcleo fabril de Belém, Fábrica de Gás

Xabregas

Em 1755, ocorreu um grande sismo na cidade de Lisboa, que consequentemente originou um maremoto e depois um incêndio. Esta catástrofe destruiu arruamentos e milhares de construções. A área mais afetada foi a zona da Baixa. Na área de intervenção não houve nada que fosse significativamente afetado, à exceção do Convento de Santos-o-Novo, portanto esta foi uma área que não sofreu grandes transformações urbanas, o que resultou numa área estagnada com o tempo, onde não foram elaborados grandes planos de construção ao contrário do resto da cidade que estava a ser refletida.

No entanto, parte do edificado da zona oriental da cidade ficou parcialmente danificado o que levou às grandes indústrias a comprarem propriedades naquela zona, e até conventos depois da extinção das ordens religiosas. A relação desta zona com o rio, facilitava o cambio de matéria-prima e o contacto direto com os produtos fabris. Foi cada vez mais importante transformar esta frente ribeirinha, primeiro com aterros que deram origem a pequenas docas, e à linha férrea. Em 1856, a estação de Santa Apolónia estabeleceu o primeiro troço entre a cidade e o norte do país. Em pouco tempo as grandes indústrias fixaram-se nesta zona. Todas estas transformações resultaram numa maior oferta de trabalho, o que originou um grande fluxo de pessoas para a cidade. De forma a evoluir na sua produção, as próprias indústrias avançaram num processo de edificação habitacional, de forma a fornecer bairros aos seus operários.



Fig. 022
Viaduto de Xabregas

A margem era, no início do século XIX, marcada por pequenas docas, cais e praias, levando os seus habitantes a banhos, mas que, com a evolução do século deram lugar a grandes polos industriais. Aos poucos ia se ganhando terreno ao rio com as descargas de areia para a construção do aterro, que iriam definir a nova linha de costa. Era também o Tejo, visto como importante via de contatos entre a cidade e a margem sul, nas trocas comerciais. Era já bastante visível no fim do século XIX, todas as alterações da margem oriental que o porto de Lisboa embutiu. A linha férrea vinha transmitir aquela que era a nova visão da zona ribeirinha, a conquista das margens do Tejo em benefício dos interesses comerciais e marítimos. Ao mesmo tempo que facilitava a circulação de produtos e dos trabalhadores.

Nos anos trinta, surge a Avenida Infante D. Henrique, que facilitou o acesso à cidade, por outro lado constitui outra barreira entre a cidade e o rio.



Fig. 023
Porto Industrial de Santa apolónia (Xabregas)

Em 1852, fixam-se novos limites para a cidade de Lisboa, foram fundados novos concelhos, como o dos Olivais, que seria separado da Capital pela Estrada da Circunvalação. Em 1856, com o desenvolvimento do caminho-de-ferro, o antigo terreno de Xabregas é reduzido ao atual Largo dos Marqueses de Nisa e o acesso ao rio é cortado.



Fig. 024
Antigo Mercado de rua de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial

Belém

No século XX, a malha urbana era já bastante alargada e o crescimento populacional era notório, durante as primeiras décadas ocorreram grandes alterações urbanísticas nesta zona ocidental, que forneceram novos fluxos de circulação e maior interação com a zona central da cidade, como a construção do elétrico.



Fig. 025
Vista aérea sobre Belém

Xabregas

Xabregas iria se tornar um polo industrial muito importante no decorrer do século XIX, além das fábricas, eram agora os bairros operários que nasciam perto das estruturas fabris, com as suas famosas vilas e pátios, eram essas que iriam agora dar lugar a barracas e habitações degradadas e em desuso.

No início do século XX são já bastantes notórios os novos tipos de construção, de cariz habitacional, na zona de Xabregas - as vilas operárias. Edificadas pelos grandes industriais, as vilas, construídas junto das indústrias começam a albergar os operários das fábricas. Em 1888 foram construídas a Vila Flamiano e a Vila Dias. Na carta militar de 1951, é visível um desenvolvimento urbano mais articulado, principalmente devido à rua Gualdim Pais. Mais tarde constrói-se o Bairro da Madre de Deus, um bairro social, de habitação unifamiliar.



Fig. 026
Vila Dias, Bairro Operário

Na planta de Lisboa de Silva Pinto de 1904-1911, percebemos que a cidade é redefinida com novos limites de costa. Em Xabregas, é visível as alterações urbanas, por culpa dos aterros realizados que suportavam novas construções. No século XX, sentiam-se já as novas construções habitacionais, como as vilas operárias. Em 1888 foram construídas a Vila Dias e a Vila Flamiano.

Com o início do século XX, a industrialização que contrastava com o lado patrimonial e histórico de Xabregas, viria a transformar-se noutra problema, a desindustrialização de todos os núcleos fabris, o encerramento das indústrias que levaria à intensa degradação urbana. Situação esta que com a Expo'98 e com a ocupação de espaços abandonados para atividades culturais, tem sido invertida.



Fig. 027
Vila Flamiano, Bairro Operário

Com o início da desindustrialização, no fim do século XX, as antigas fábricas ficam sem uso e começam o seu estado de abandono e degradação, sobreviveu a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos que deu lugar a um pequeno centro comercial, e o convento de S. Francisco de Xabregas que deu lugar ao Teatro Ibérico.



Fig. 028
Chaminé Industrial, Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial

Belém



Fig. 029
Torre de Belém e a Fábrica de Gás



Fig. 030
Zona fabril junto à Torre de Belém

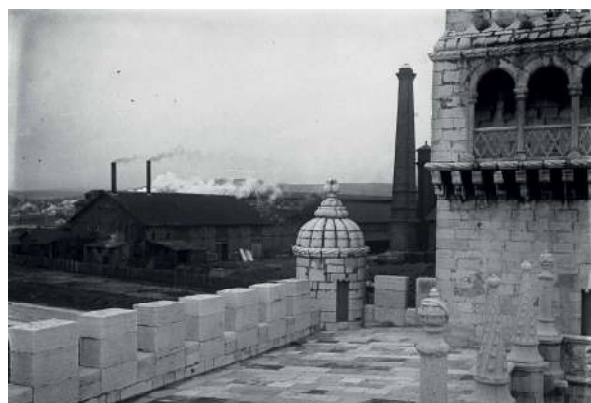


Fig. 031
Zona fabril junto à Torre de Belém

Xabregas



Fig. 032
Zona fabril e linha ferroviária de Xabregas



Fig. 033
Chaminé Industrial, Xabregas

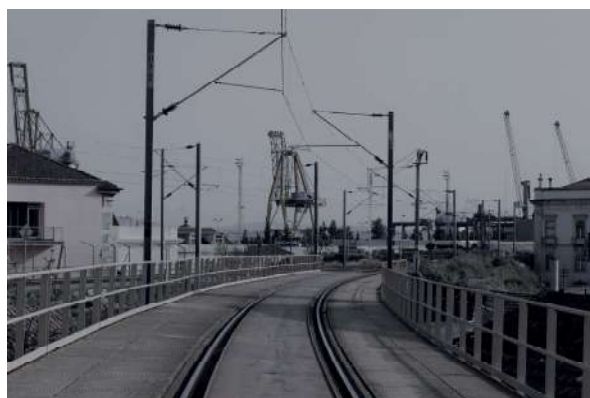


Fig. 034
Linha ferroviária, Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial

Belém



Fig. 035
Núcleos fabris, Belém



Fig. 036
Chaminé Industrial, Belém

Xabregas



Fig. 037
Viaduto de Xabregas



Fig. 038
Linha ferroviária, Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais

Belém



Fig. 039
Planta baseada na carta topográfica de Lisboa, Filipe Folque, 1856-58
Zona de Belém

Xabregas

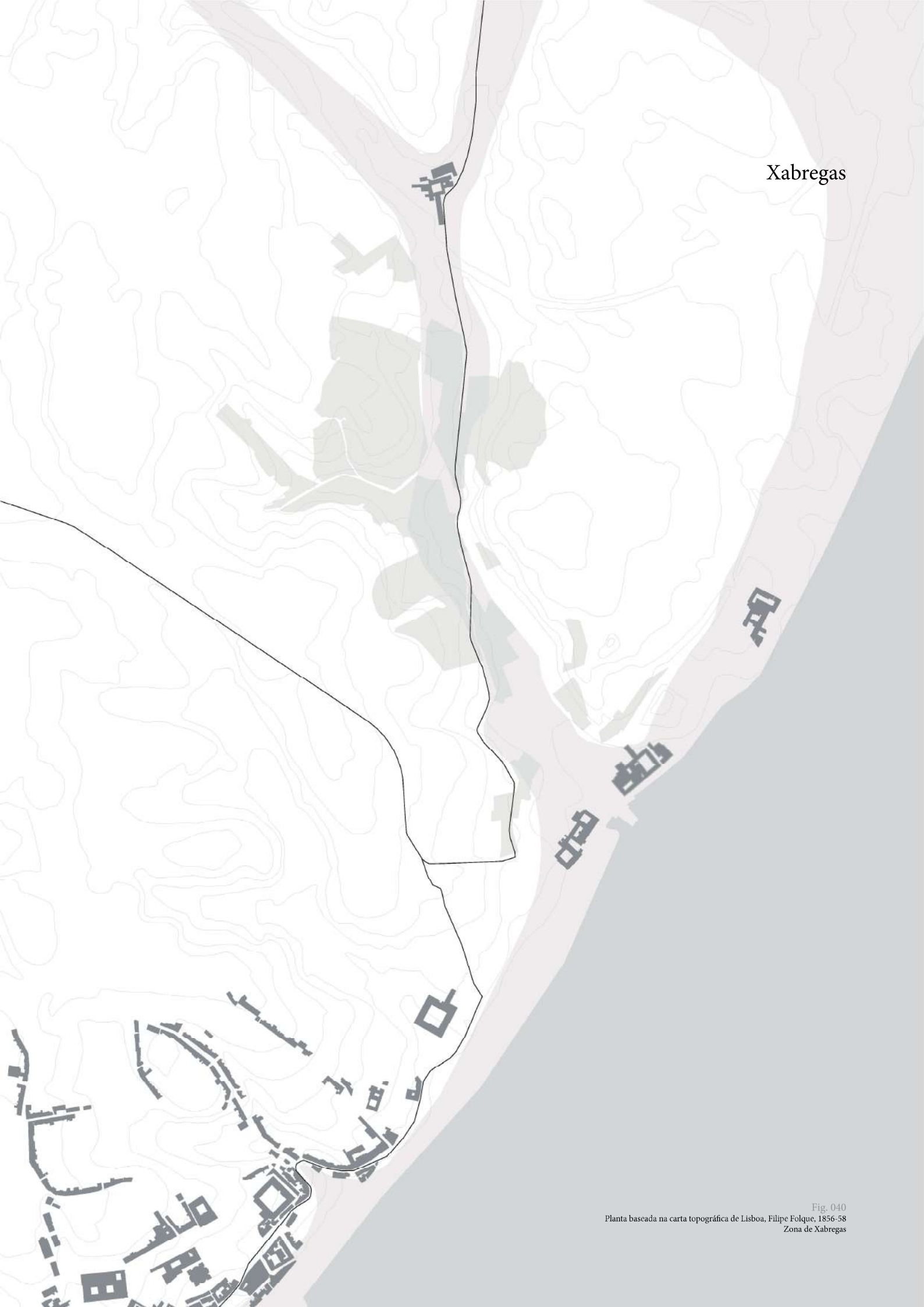


Fig. 040
Planta baseada na carta topográfica de Lisboa, Filipe Folque, 1856-58
Zona de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais

Belém



Fig. 041
Planta baseada no levantamento da planta de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11
Zona de Belém

Xabregas

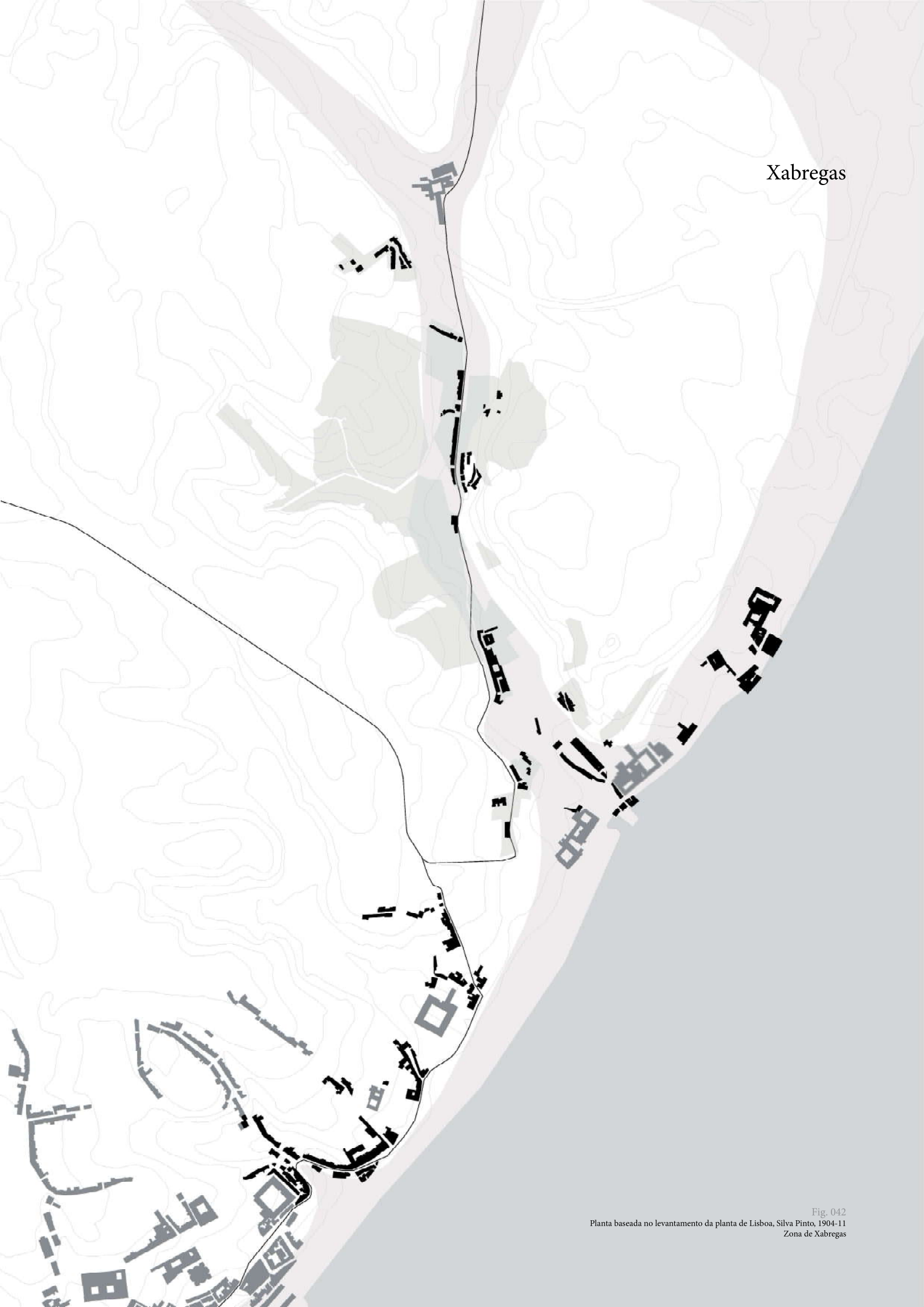


Fig. 042
Planta baseada no levantamento da planta de Lisboa, Silva Pinto, 1904-11
Zona de Xabregas

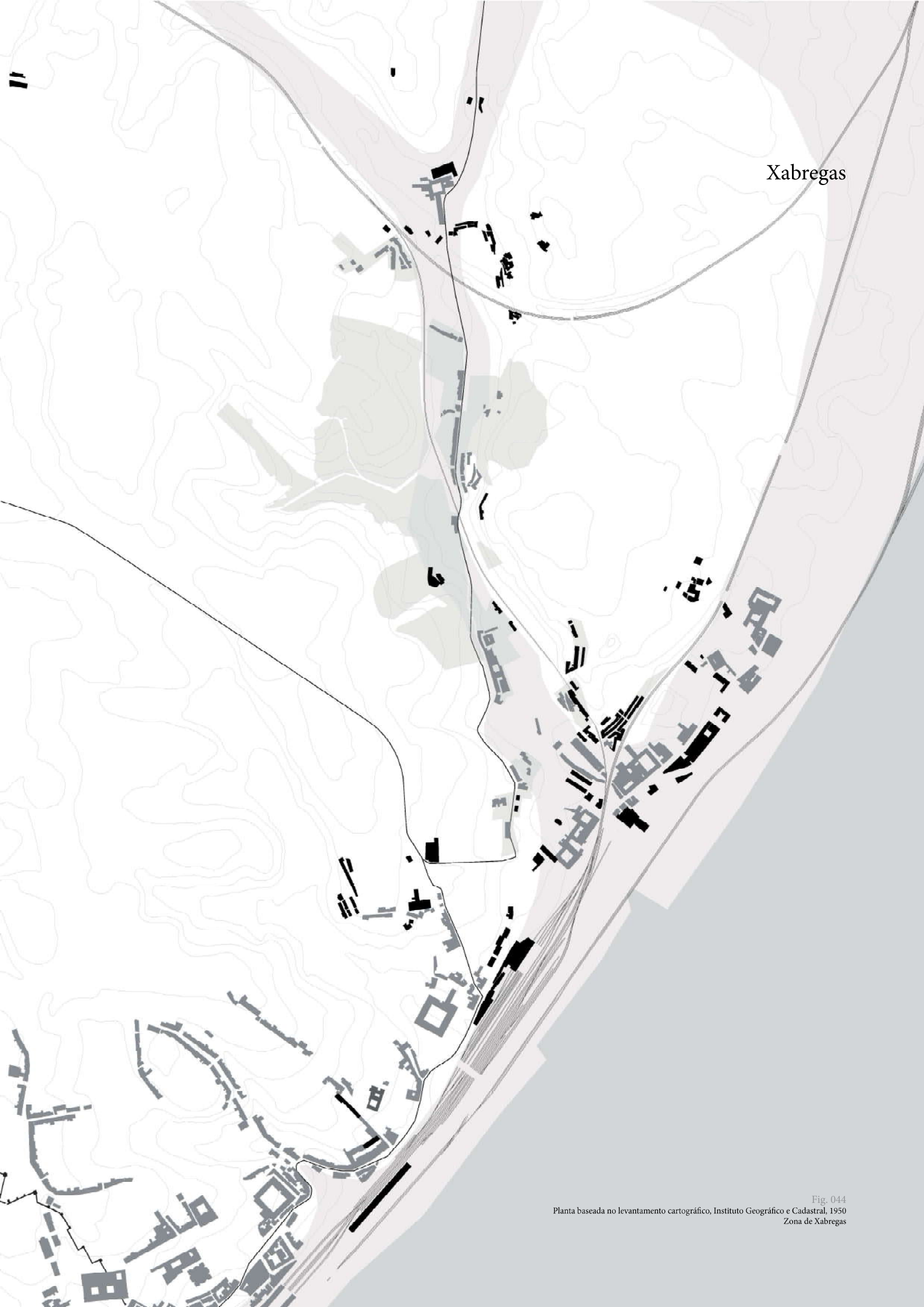
03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais

Belém



Fig. 043
Planta baseada no levantamento cartográfico, Instituto Geográfico e Cadastral, 1950
Zona de Belém



Xabregas

Fig. 044
Planta baseada no levantamento cartográfico, Instituto Geográfico e Cadastral, 1950
Zona de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais

Belém



Fig. 045
Planta baseada na malha atual de Lisboa
Zona de Belém



Xabregas

Fig. 046
Planta baseada na malha atual de Lisboa
Zona de Xabregas

03 De Espaço Religioso e Cultural a Complexo Industrial

03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais

Belém

Palácio Nacional da Ajuda

Mosteiro dos Jerónimos

Museu Nacional dos Coches

Convento da Nossa Senhora do Bom Sucesso

Centro Cultural de Belém

Padrão dos Descobrimentos

Torre de Belém

Fig. 047
Ortofotomapa de Belém



Xabregas

Convento de Chelas

Convento do Grilo

Palácio de Xabregas

Convento de São Francisco de Xabregas

Palácio dos Marqueses de Nisa

Museu Nacional do Azulejo

Convento da Madre de Deus

Convento de Santos-o-Novo

Fig. 048
Ortofotomapa de Xabregas

VALE DE CHELAS

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

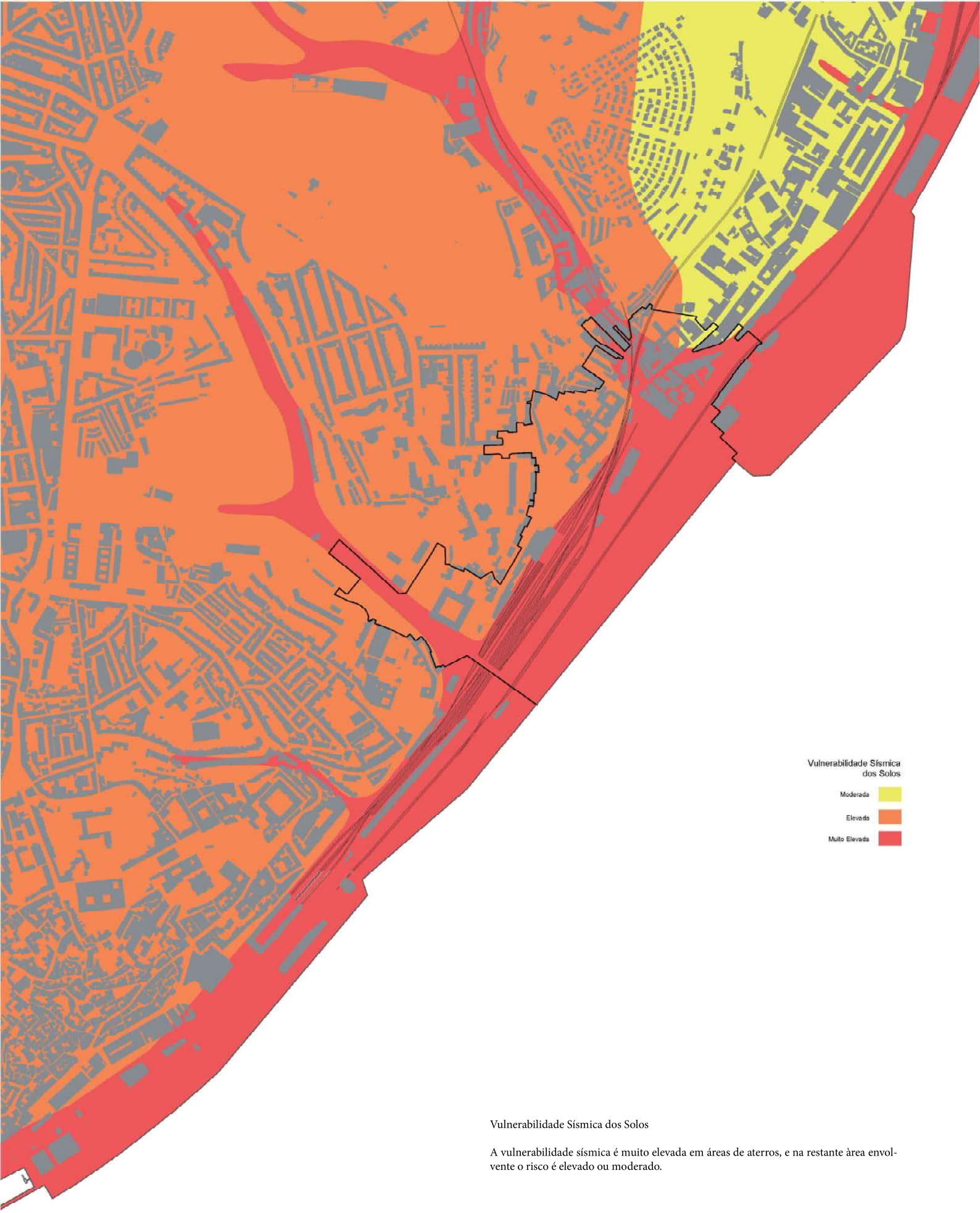
04 Área de Intervenção

04.1 Análise Biofísica



Hipsometria

A classe mais baixa corresponde ao tom mais escuro, tornando-se cada vez mais clara à medida que a cota aumenta. Apesar de grande parte de Lisboa se encontrar a uma altitude superior a 70 metros, neste caso em particular verificamos valores inferiores. De entre os valores apresentados sobressai claramente alturas até aos 20 metros identificadas por exemplo em toda a faixa ribeirinha e no vale de Chelas onde se inclui a Avenida Gualdim Pais.



Vulnerabilidade Sísmica dos Solos

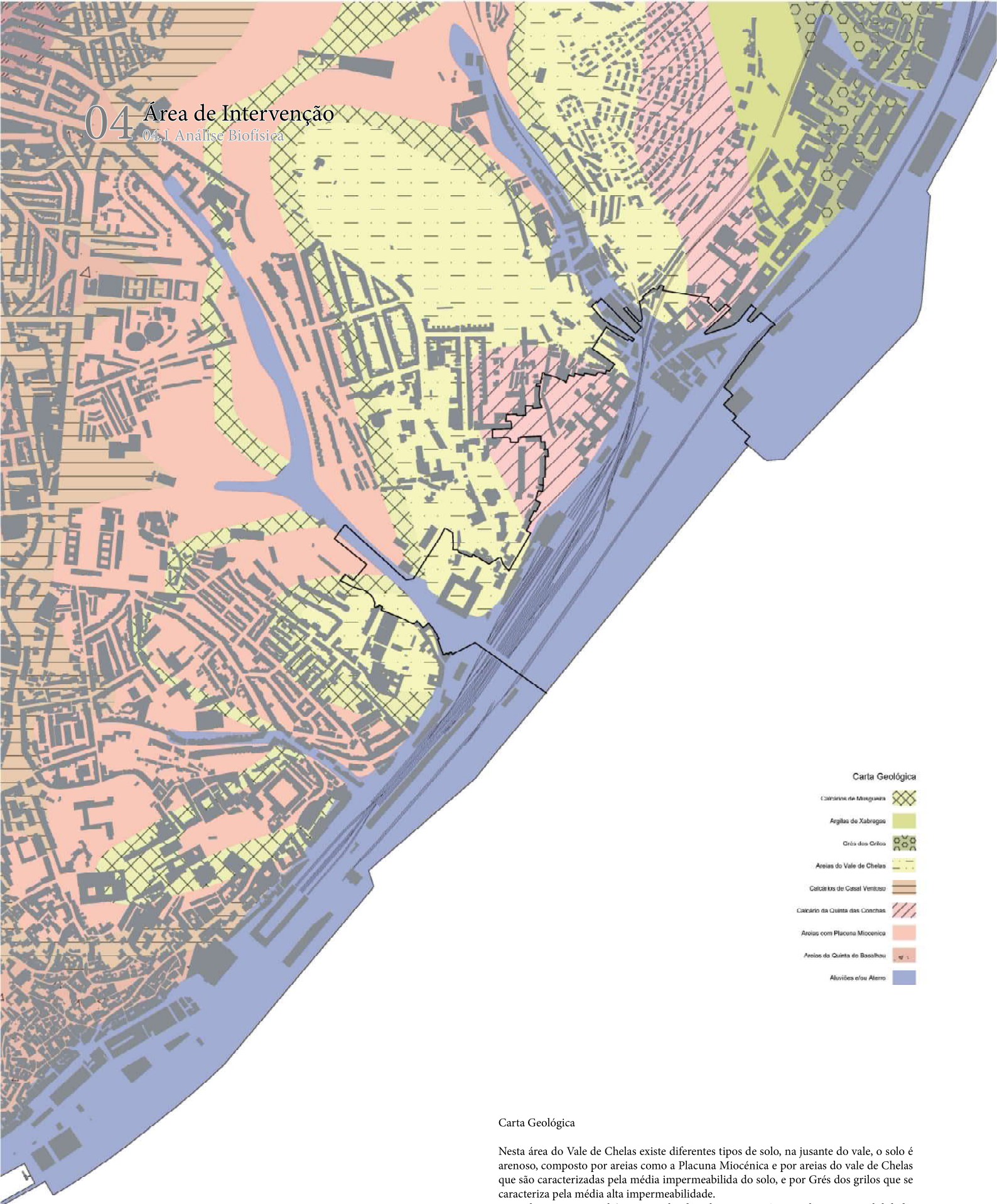
- Moderada ■
- Elevada ■
- Muito Elevada ■

Vulnerabilidade Sísmica dos Solos

A vulnerabilidade sísmica é muito elevada em áreas de aterros, e na restante área envolvente o risco é elevado ou moderado.

04 Área de Intervenção

04.1 Análise Biofísica



Carta Geológica

Nesta área do Vale de Chelas existe diferentes tipos de solo, na jusante do vale, o solo é arenoso, composto por areias como a Placuna Miocénica e por areias do vale de Chelas que são caracterizadas pela média impermeabilidade do solo, e por Grés dos grilos que se caracteriza pela média alta impermeabilidade.

Um vale composto também por argilas de Xabregas, que têm uma baixa permeabilidade. Com uma permeabilidade média alta, temos os calcários da Quinta das Conchas e o calcário da Musgueira, e com permeabilidade alta os aluviões.



Vulnerabilidade a Inundações

O cartograma das inundações representa as áreas de risco das mesmas, sendo normalmente associadas também a zonas de limite de vales devido ao escoamento das águas. Podemos identificar as áreas com maior risco, as que se abrem a partir da Avenida Gualdim Pais, Avenida Mouzinho de Albuquerque e Rua Diogo do Couto. Ao longo da frente ribeirinha existe uma probabilidade moderada de inundação, visto estar junto ao rio.

04 Área de Intervenção

04.1 Análise Biofísica



Sistema Húmido e Sub-Sistema de Transição Fluvial Estuarino

O Cartograma acima demonstra o sistema húmido e o sistema de transição fluvial estuarino.

O sistema húmido normalmente associado a áreas planas ou côncavas, caracterizam-se nas zonas onde a água se acumula, como as que afetam as linhas de água e a sua envolvente.

Estes sistemas encontram-se ao longo da costa ribeirinha no cruzamento com os vales, e na zona de intervenção no limite do vale de Santo António e vale de Chelas.

Fig. 053
Sistema Húmido e Sub-Sistema de Transição Fluvial Estuarino, Vale de Chelas



Estrutura Ecológica Integrada

Dois aspetos importantes a assimilar é a falta de espaços verdes junto ao rio nesta zona da cidade, e também a Área de Intervenção estar toda ela classificada como Sistema Húmido, com sobreposições de Sistema de Transição Fluvial Estuarino, onde os vales de Chelas e de Santo António desaguardam no rio.

04 Área de Intervenção

04.2 Planos de Urbanização

A figura que se segue, trata-se de uma planta onde é possível observar os Planos de Urbanização e Planos de Pormenor que trazem alguma relevância para a Área de Intervenção, e que demonstram os planos por parte da Câmara Municipal de Lisboa para esta área. É também realçado, os aspetos relevantes e as suas implicações na Área de Intervenção.

“Promover o património existente enquanto memória da cidade e potenciador da requalificação urbana”

“Utilizar o sistema de verde público na vertebração e estruturação urbana, com a inclusão do corredor de ligação do sistema de Chelas ao rio, numa lógica de continuidade dos sistemas ecológicos de escala local”

A - PU do Vale de Chelas
B - PU do Vale de Santo António
C - PP da Calçada das Lajes



Fig. 055
Ortofotomapa de Xabregas, sobreposto os
Planos de Urbanização do vale de Chelas

04 Área de Intervenção

04.2 Planos de Urbanização

Plano de Urbanização do Vale de Chelas

Aprovado em 1998, o Plano de Urbanização do Vale de Chelas tem como configuração fundamental um novo atravessamento na cidade, desde a Rotunda das Olaias, terminando na Avenida Infante D. Henrique. Um eixo ao longo do vale que vem criar um corredor verde até ao rio e que teve importância na proposta.

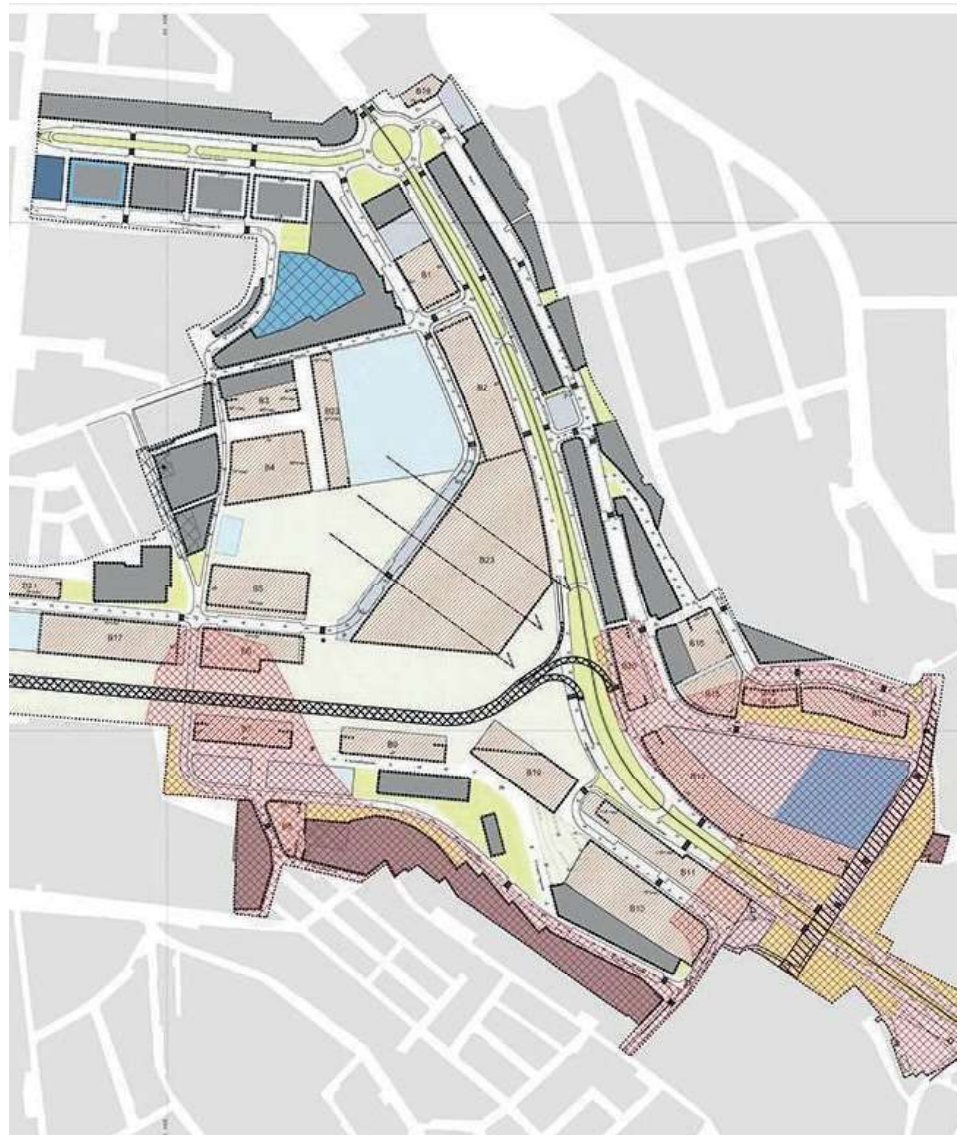
Fig. 056
Plano de Urbanização do vale de Chelas



Plano de Urbanização do Vale de Santo António

Aprovado em 2012, O Plano de Urbanização do Vale de Santo António, abrange algumas das poucas áreas de Lisboa que ainda lhe permite construir, e vai de encontro ao subaproveitamento generalizado desta zona da cidade.

Fig. 057
Plano de Urbanização do Vale de Santo António



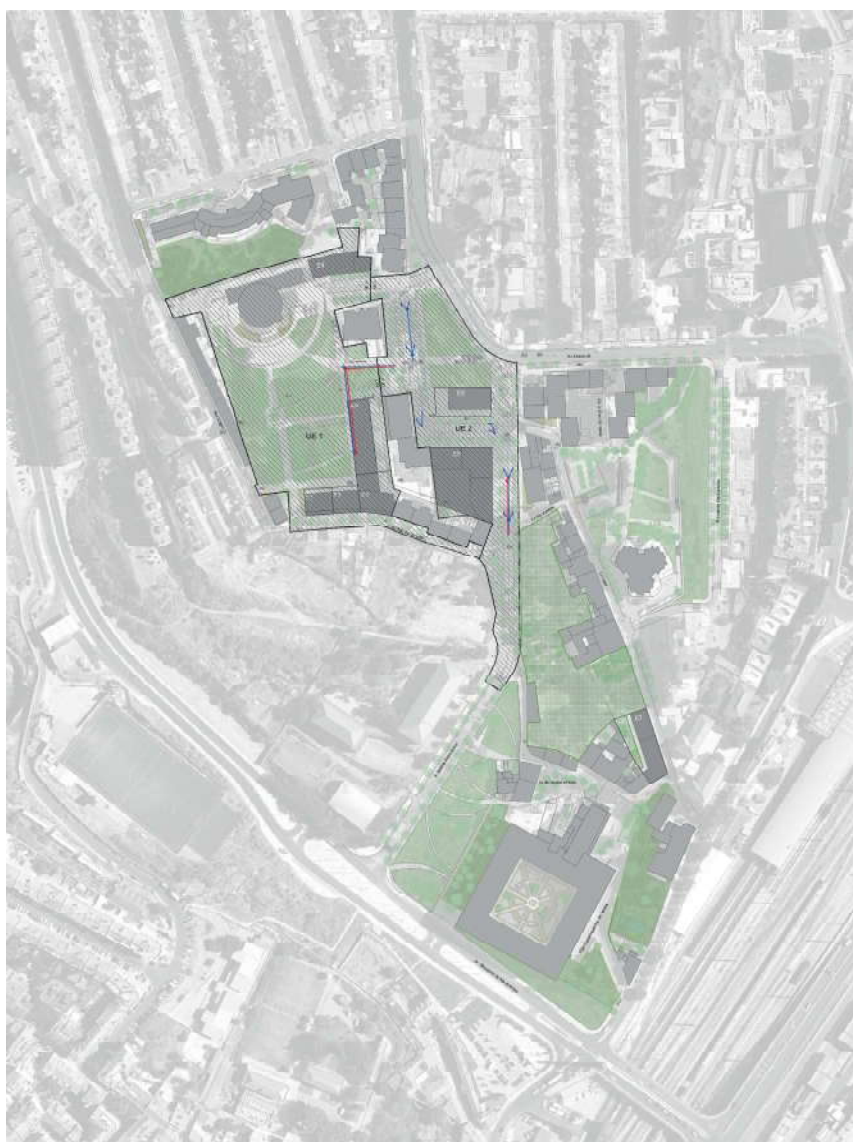
04 Área de Intervenção

04.2 Planos de Urbanização

Plano de Pormenor da Calçada das Lajes

Considerando que a zona “carece de consolidação e ordenamento urbanístico, melhor qualidade urbana, remate harmonioso dos edifícios e criação de espaços verdes públicos e aprazíveis”, foi em 2010 aprovado o Plano de Pormenor da Calçada das Lajes.

Fig. 058
Plano Pormenor da Calçada das Lajes



Envolvente da Terceira Travessia do Tejo

Na imagem seguinte podemos ver um estudo urbanístico feito pelo Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção (ICIST), uma unidade de investigação do Instituto Superior Técnico, para avaliar os impactos urbanísticos da Terceira Travessia do Tejo.

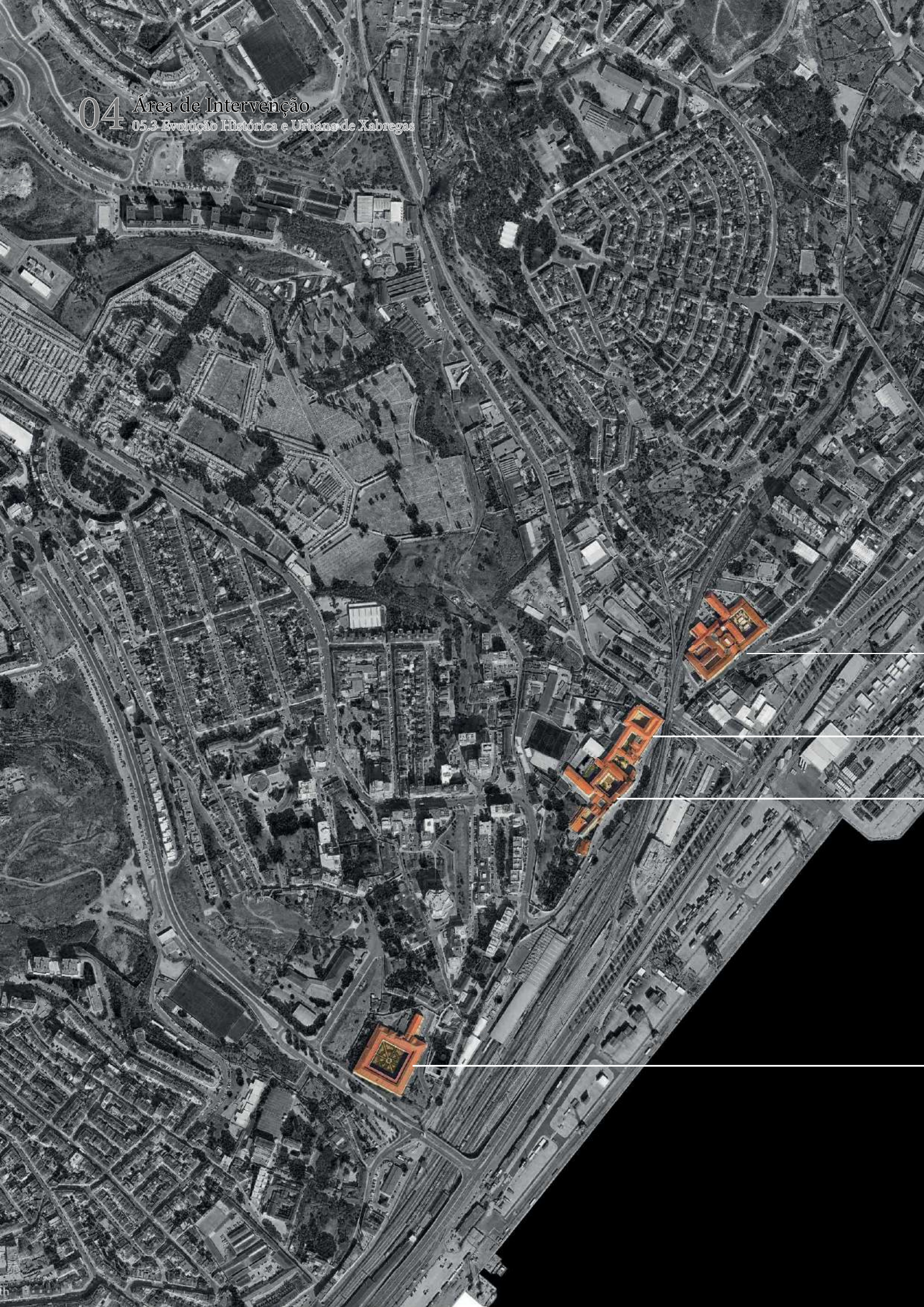
Para este estudo foi também tido em conta o Plano de Urbanização do Vale de Chelas. Foi dada importância a este estudo, pois parte da solução de traçado interferia na Área de Intervenção, mais propriamente na Avenida Gualdim Pais e no vale de Chelas.

Na proposta foi tido também em conta as alterações e espaços verdes criados na Avenida Gualdim Pais, o que vinha ao encontro da intenção da proposta de acentuar a ligação entre o vale e a zona ribeirinha.

Fig. 059
Envolvente da Terceira Travessia do Tejo



04 Área de Intervenção
05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas





XABREGAS

À CHEGADA DO VALE AO RIO
O REMATE DO CORREDOR VERDE COM A LINHA RIBEIRINHA

Xabregas é uma zona da cidade que acaba por se situar entre o vale de Santo António e o vale de Chelas. Uma zona que outrora, foi tão procurada pela nobreza para a construção dos seus palácios, para a implantação de conventos e igrejas. Uma zona que ao situar-se na linha ribeirinha, se tratava de uma zona rica, onde o processo de industrialização veio ter um grande impacto.

Convento de São Francisco de Xabregas

Palácio dos Marqueses de Nisa

Convento da Madre de Deus

Convento de Santos-o-Novo

04 Área de Intervenção
05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas



Fig. 061
Ortofotomapa editado, da área de intervenção



04 Área de Intervenção

05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas

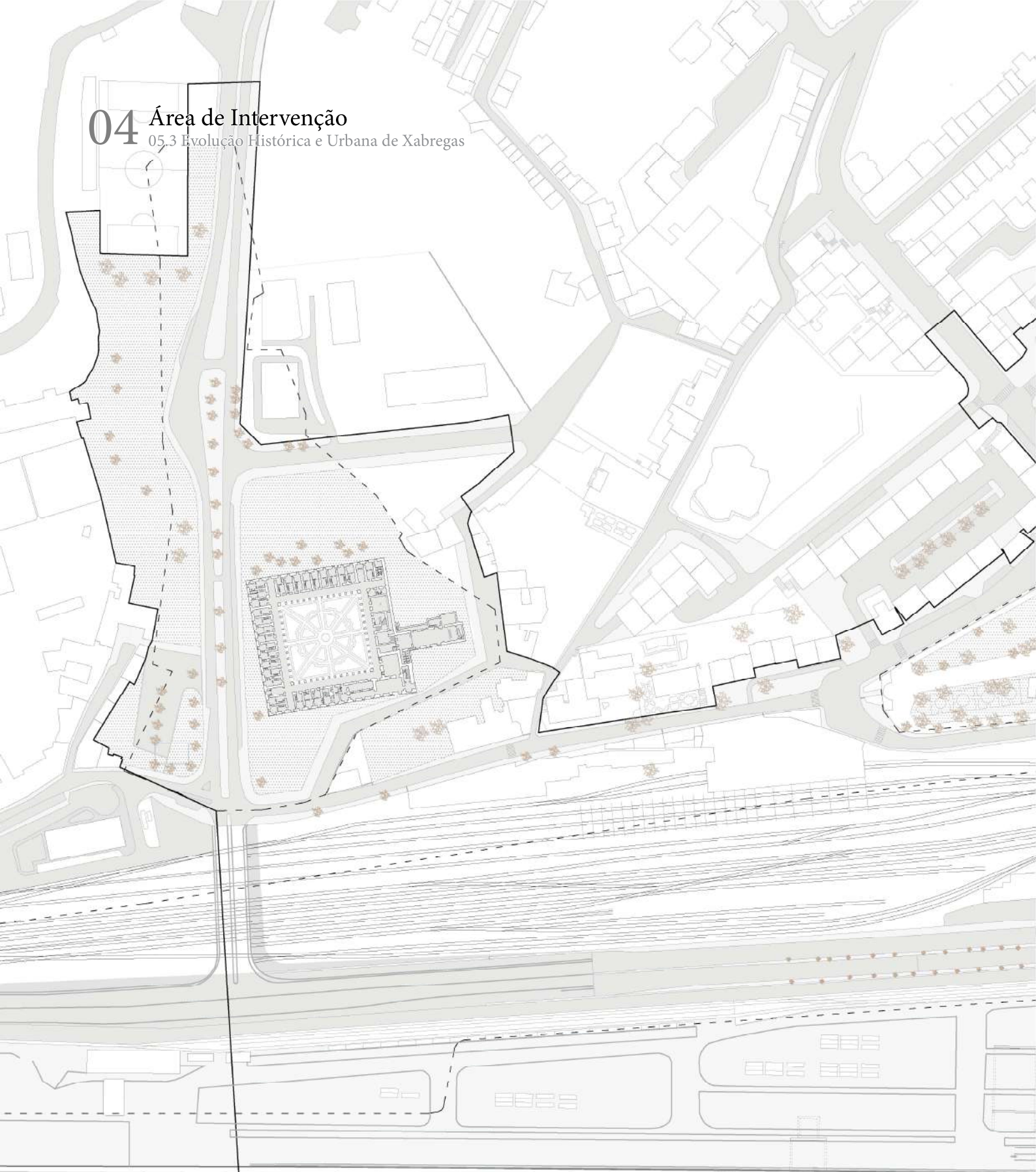




Fig. 062
Planta área de intervenção

04 Área de Intervenção

05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas

Fig. 063
Planta baseada na planta de Lisboa de Filipe Folque, 1856
Área de Intervenção



1856

PLANTA BASEADA NA PLANTA DE LISBOA DE FILIPE FOLQUE

Até esta data, Xabregas é marcada por alguma ruralidade. Apresentando um baixo nível de edificado, é maioritariamente marcado por caminhos, quintas e propriedades muradas que definem os espaços verdes, de cultivo ou de lazer.

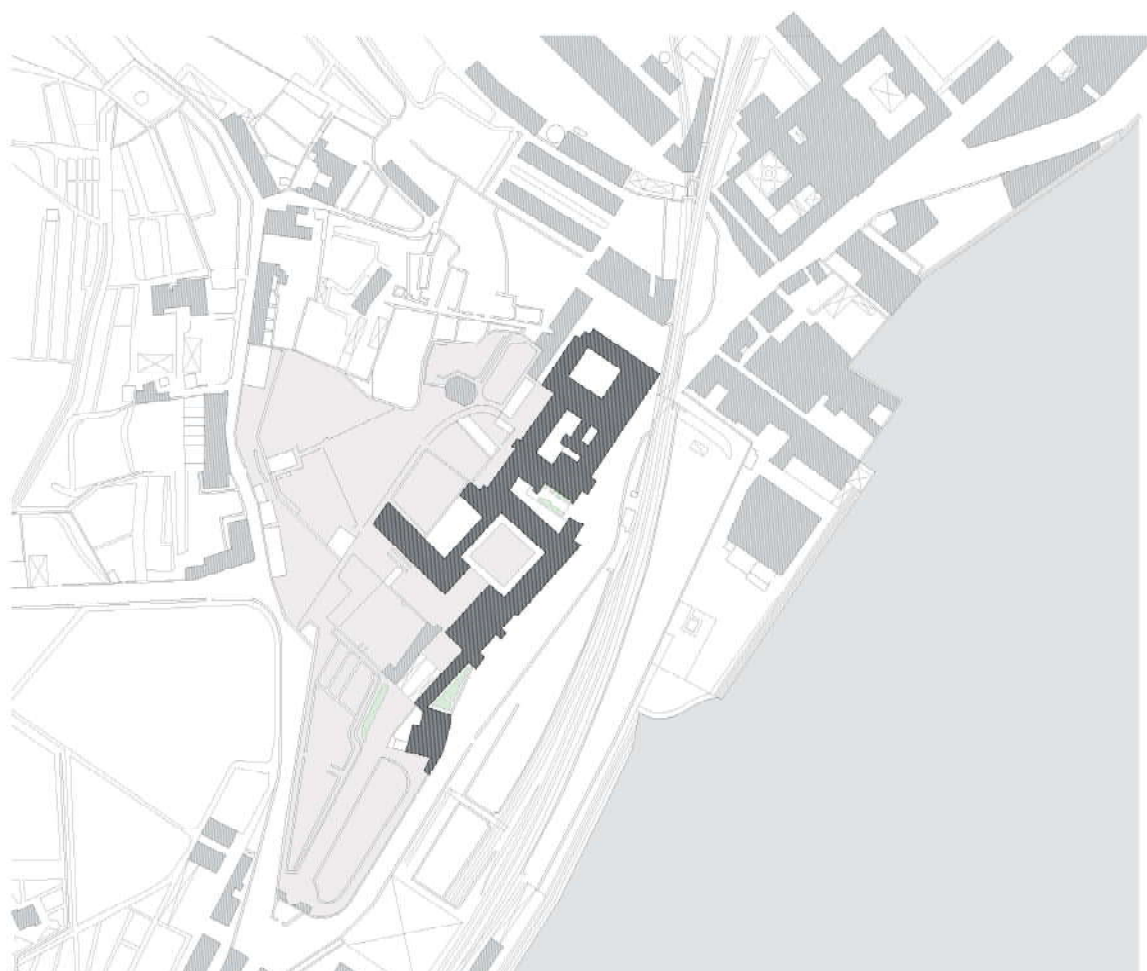
Em 1834, com o fim das ordens religiosas, algumas destas propriedades e terrenos murados foram invadidos por edificações que vieram corromper a leitura de um espaço organizado, e a malha urbana começava um processo de transformação.

A relação não só dos conventos mas também do próprio sítio de Xabregas encontrava-se, nesta fase, já bastante condicionada devido à construção da linha férrea e do conseqüente aterro, que impossibilitava uma relação visual entre o Convento da Madre de Deus e o Tejo.

Contudo, algumas construções apresentam alguma relação com o rio, ao se implantarem sobrepostas à faixa ribeirinha.

A boca do Vale de Chelas, que define a essência de Xabregas, possui por esta altura, ainda alguma memória daquilo que era esta zona oriental da cidade. Uma zona de lazer de referência em Lisboa, salientando o paço real de Xabregas.

Fig. 064
Planta baseada na planta de Lisboa de Silva Pinto, 1911
Área de Intervenção



1911

PLANTA BASEADA NA PLANTA DE LISBOA DE SILVA PINTO

A revolução industrial portuguesa, apesar de tardia, foi muito visível na zona de Xabregas. No fim do século XIX e inícios do século XX começam por se instalar as primeiras pequenas fábricas, marcando fortemente o carácter do lugar.

A cerca conventual da Madre de Deus, começa aqui a sofrer um processo de transformação e apropriação, sendo ocupada progressivamente por construções de habitação clandestina, como barracas.

A infraestrutura da linha férrea acaba por adquirir uma presença mais acentuada, provocando uma ruptura ainda mais acentuada entre a frente ribeirinha e o rio. A entrada principal do complexo da Madre de Deus é redefinida a sudoeste do recinto.

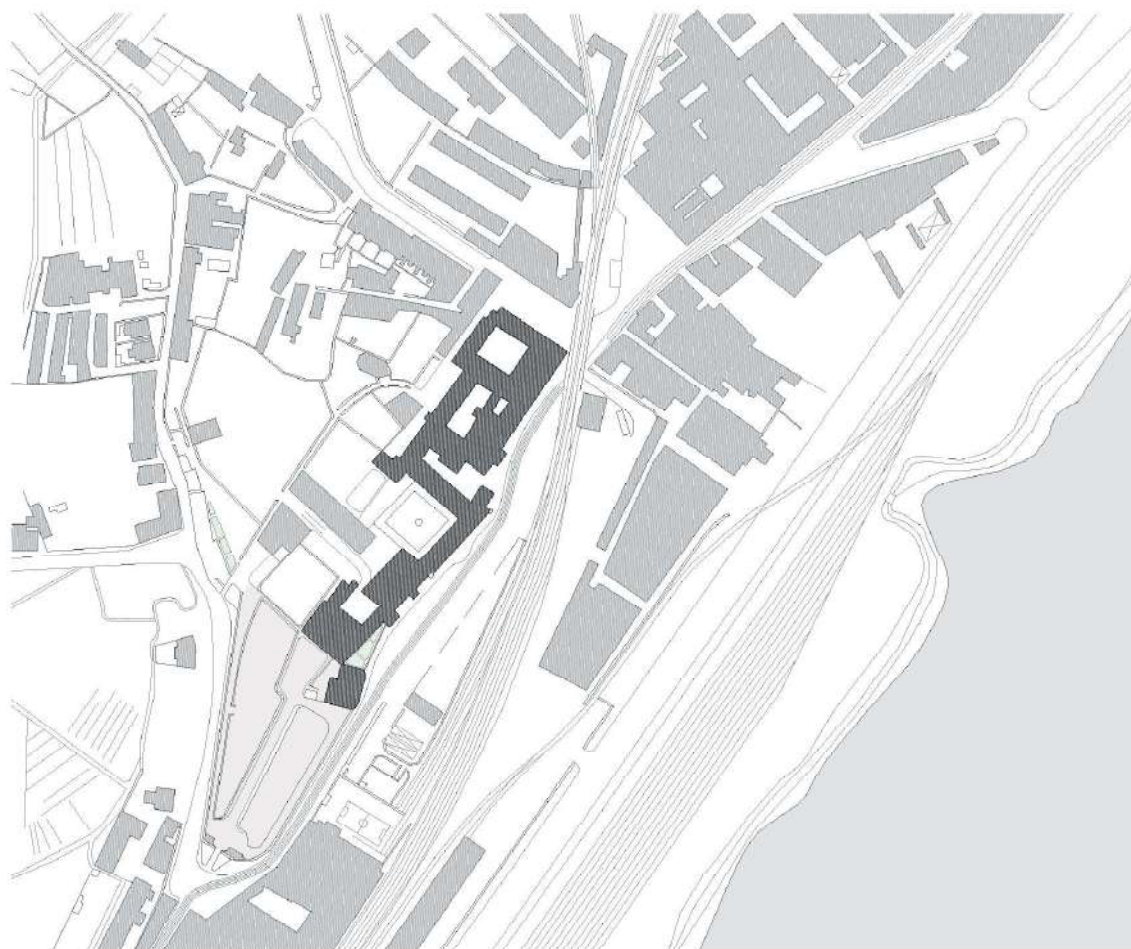
A relação resultante do enquadramento do vale de chelas com a presença do Convento da Madre de Deus e do Convento de São Francisco de Xabregas aos poucos vai se perdendo, tanto com a linha do comboio, como também com as construções descontroladas e que não abordam uma leitura do território.

A cidade ao conquistar progressivamente terreno ao rio, vê este a ficar cada vez mais distante.

04 Área de Intervenção

05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas

Fig. 065
Planta da área de intervenção, 1950



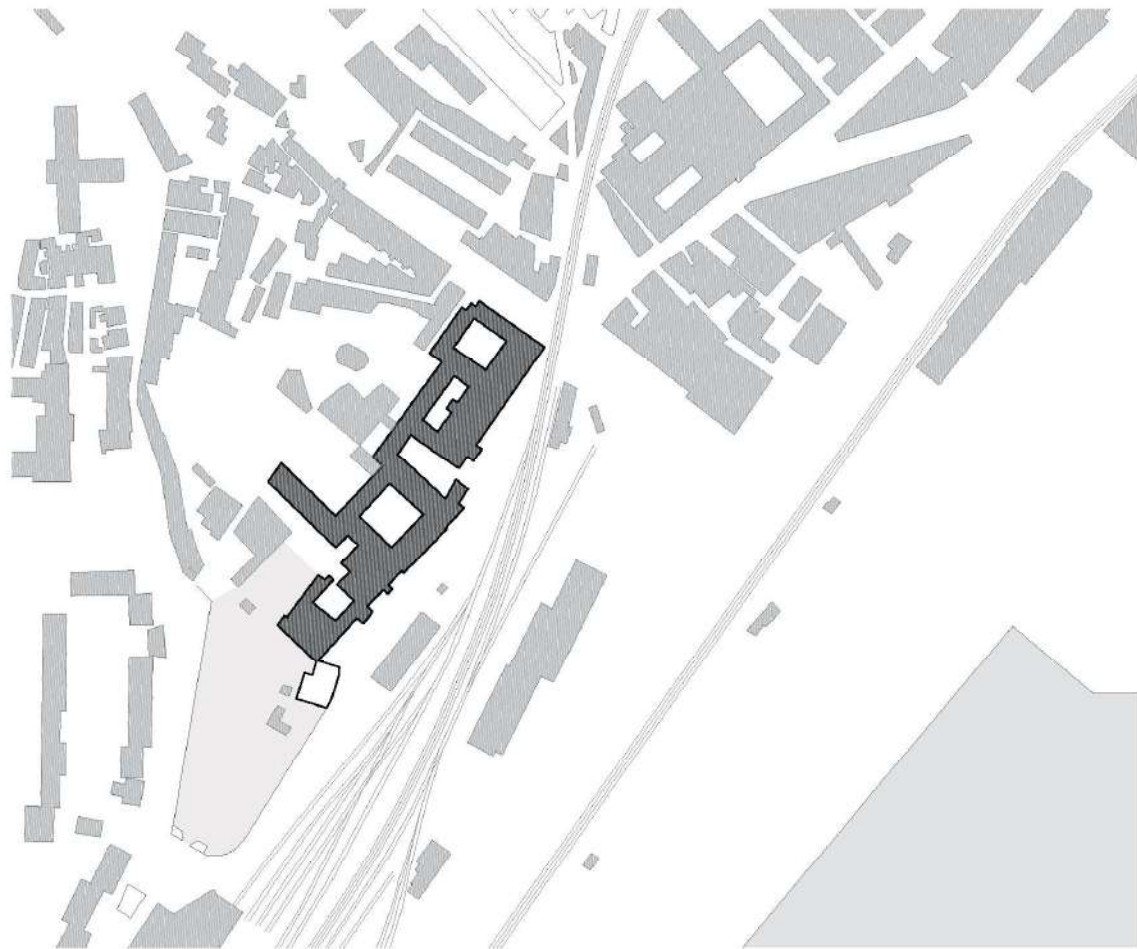
1950

Em meados do século XX, já é possível observar a descontrolada expansão urbana do pós-industrialização.

A cerca da Madre de Deus é cada vez mais ocupada por construções pobres e que metem em causa a leitura do que outrora foi o jardim do convento. A cedência do convento e do palácio para as instalações da Casa Pia de Lisboa em 1923, acabou por agravar ainda mais esta situação.

A linha férrea vai distanciando cada vez mais a cidade do rio, e é efetivamente uma barreira entre Lisboa e o Tejo. A construção do aterro, leva a uma nova conquista da cidade ao rio, e uma nova área comprimida entre a margem e a linha férrea, resulta num espaço isolado, que não consegue estabelecer ligações.

Fig. 066
Planta da área de intervenção, atual



Atualidade

Torna-se quase impossível decifrar aquilo que era a cerca do Convento da Madre de Deus, tal é a brutidade e intensidade da ocupação descontrolada que ao longo dos anos parecia não ter outro caminho, muito por culpa das construções anexas ao convento e palácio por parte da Casa Pia de Lisboa.

Se a relação entre Xabregas e o Rio Tejo até meio do século XX já era praticamente nula, a construção de um novo porto de contentores no final do sécul, por parte da administração do porto de Lisboa, veio colmatar com o fim de qualquer relação entre a cidade e o rio, impossibilitando por completo o acesso à zona ribeirinha de Xabregas. A construção da Avenida Infante D. Henrique, foi também mais uma barreira de difícil transposição.

04 Área de Intervenção

05.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas

Fig. 067
Imagem zona fabril de Xabregas



Fig. 068
Maquete da área de intervenção

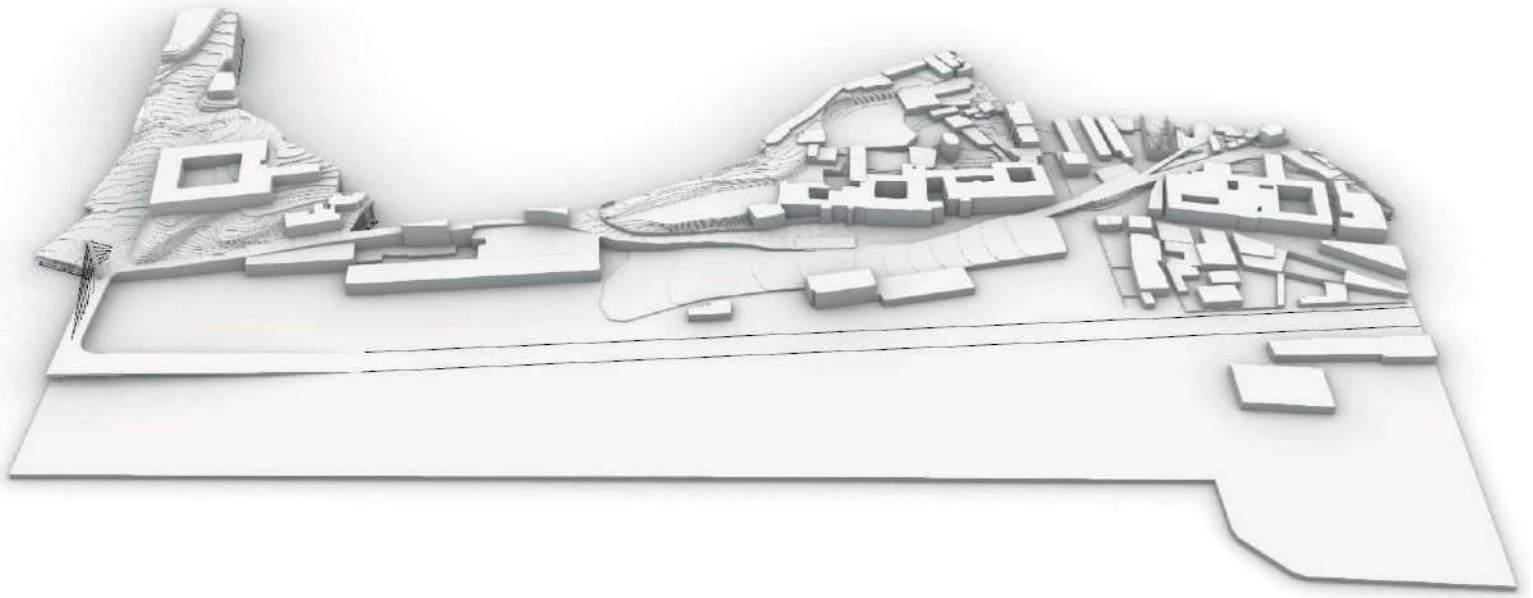
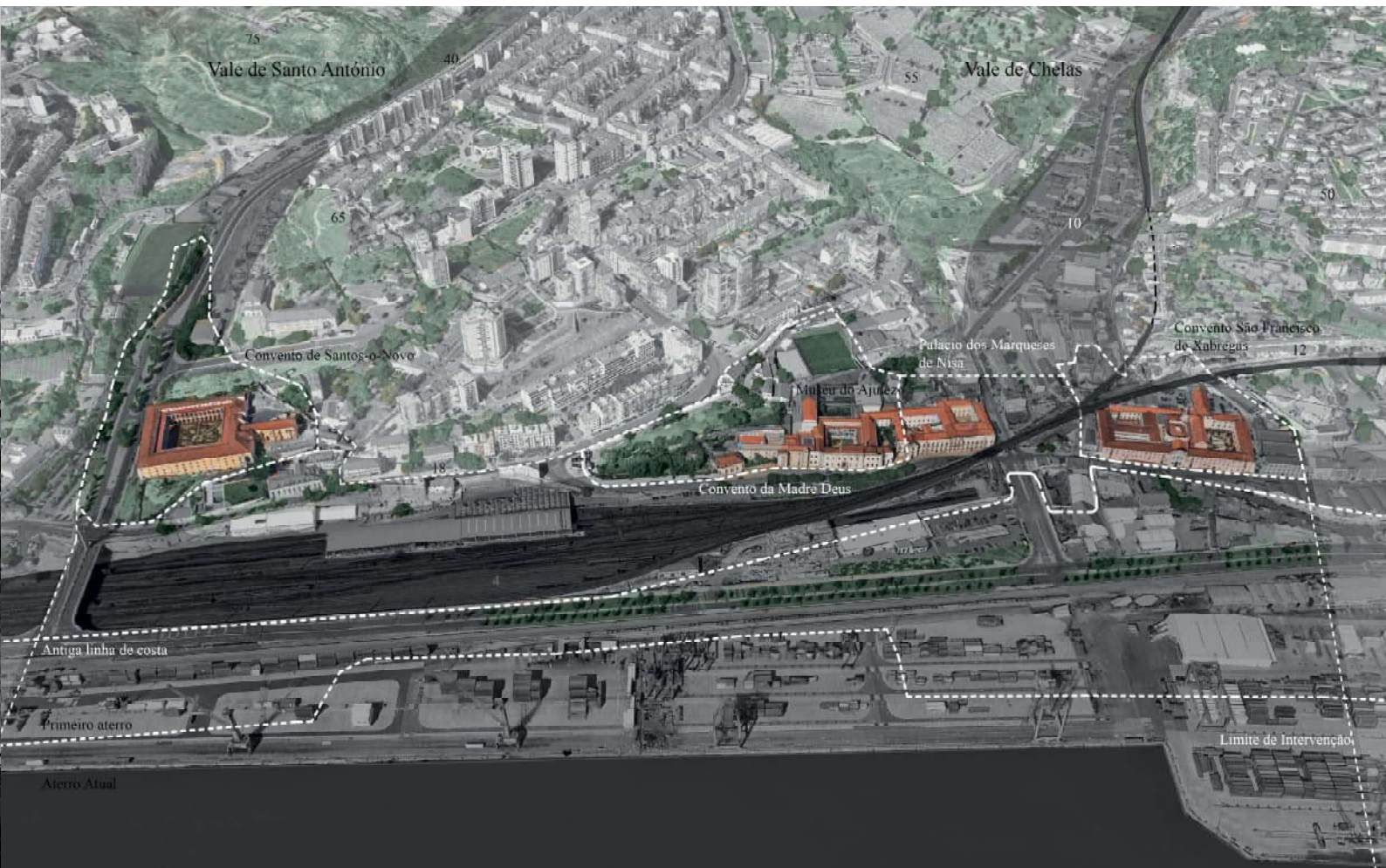


Fig. 069
Vista aérea editada, área de intervenção



04 Área de Intervenção

05.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais

Na área de intervenção foram feitas grandes correções topográficas, principalmente a construção do aterro que suporta a linha ferroviária, e as várias alterações à linha de costa, com a construção dos sucessivos aterros, que agora suportam o porto industrial.

Fig. 070
Corte transversal da área de intervenção

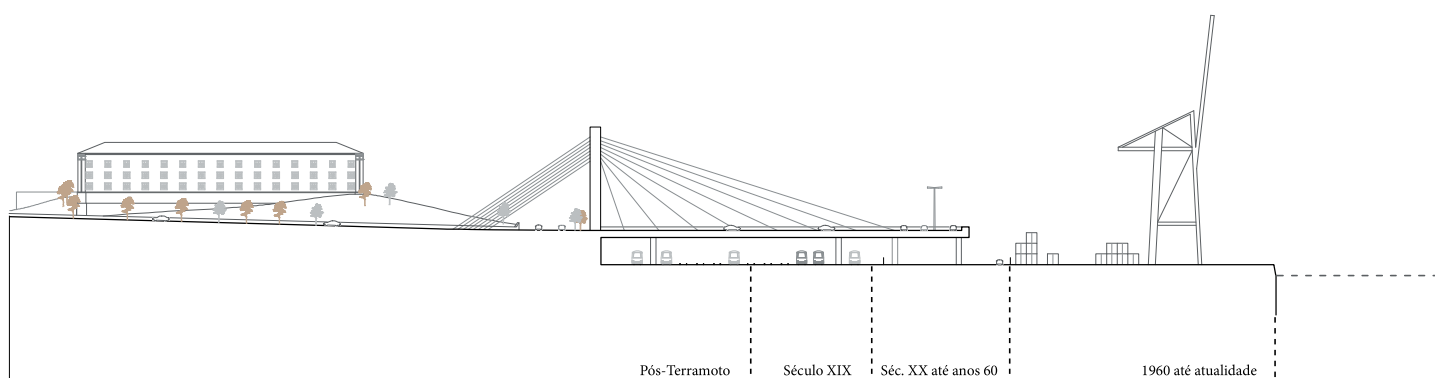


Fig. 071
Corte longitudinal da área de intervenção

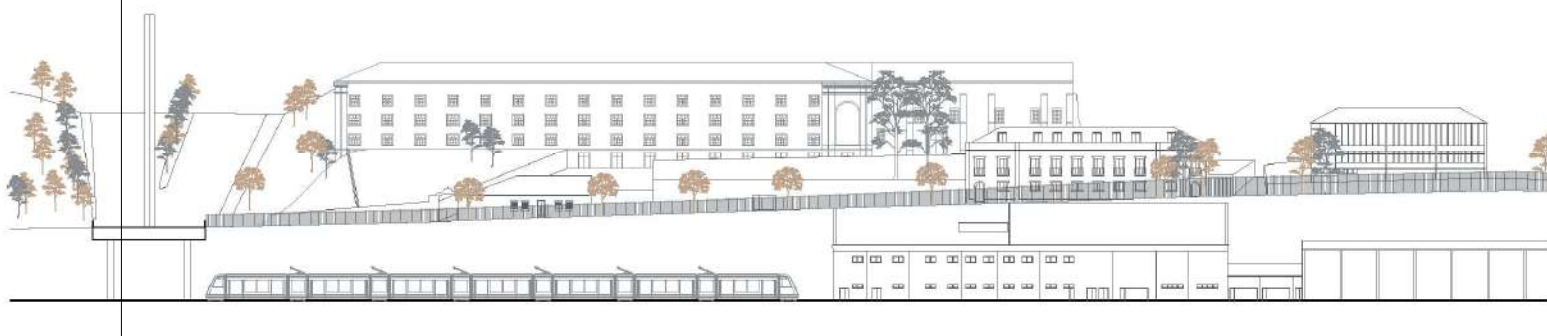


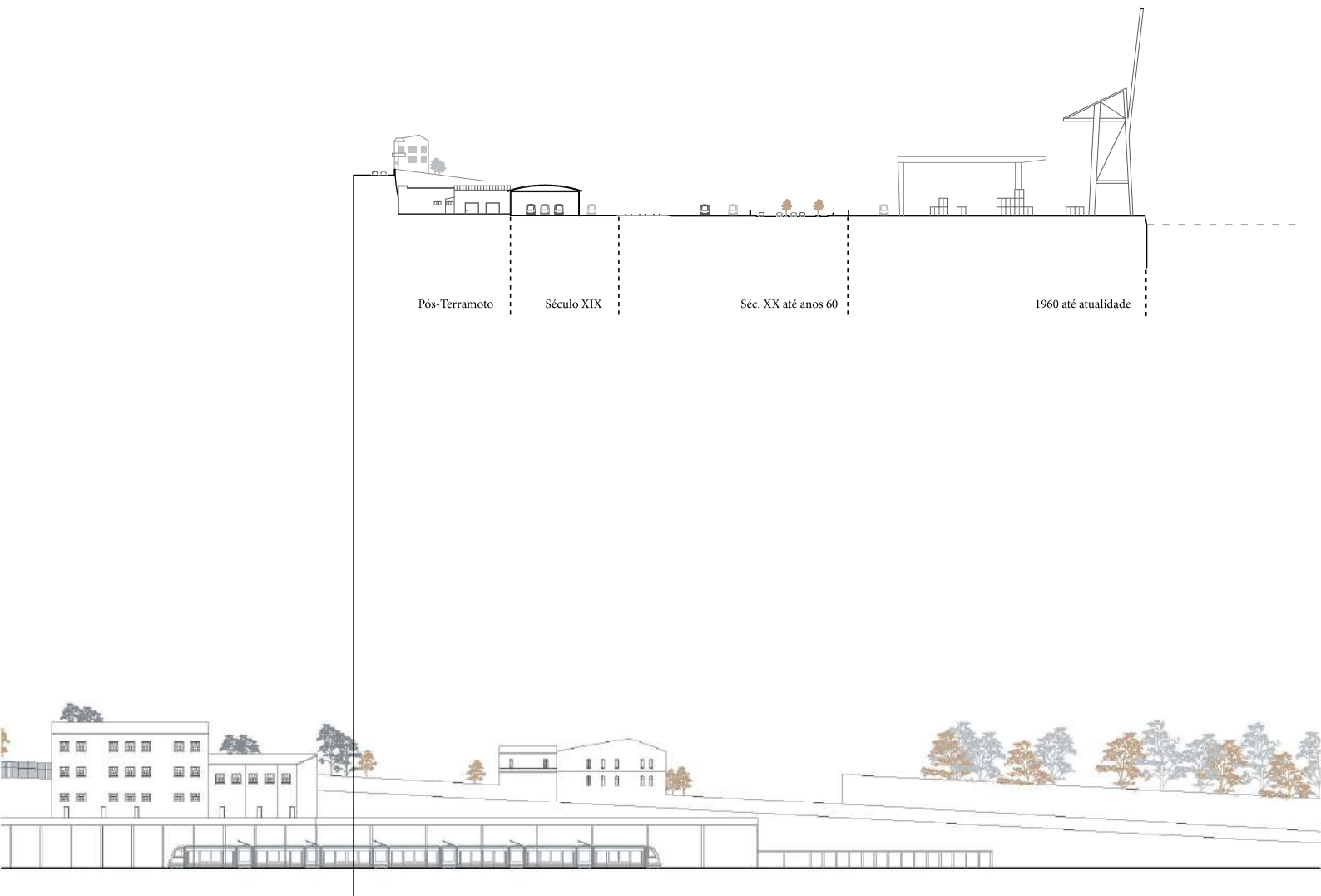
Fig. 072
Praia da Marabana, Xabregas



Fig. 073
Antigo mercado de rua de Xabregas



Fig. 074
Corte transversal da área de intervenção



04 Área de Intervenção

05.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais

Fig. 075
Corte transversal da área de intervenção

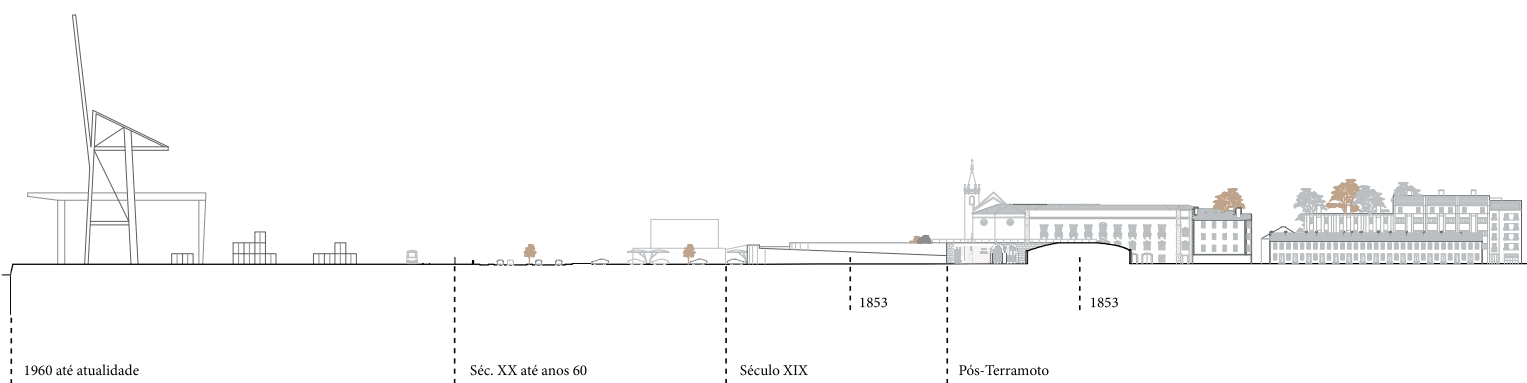


Fig. 076
Continuação do corte longitudinal da área de intervenção

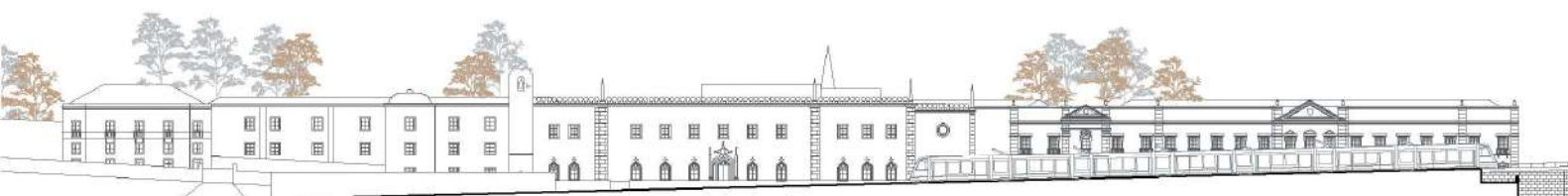
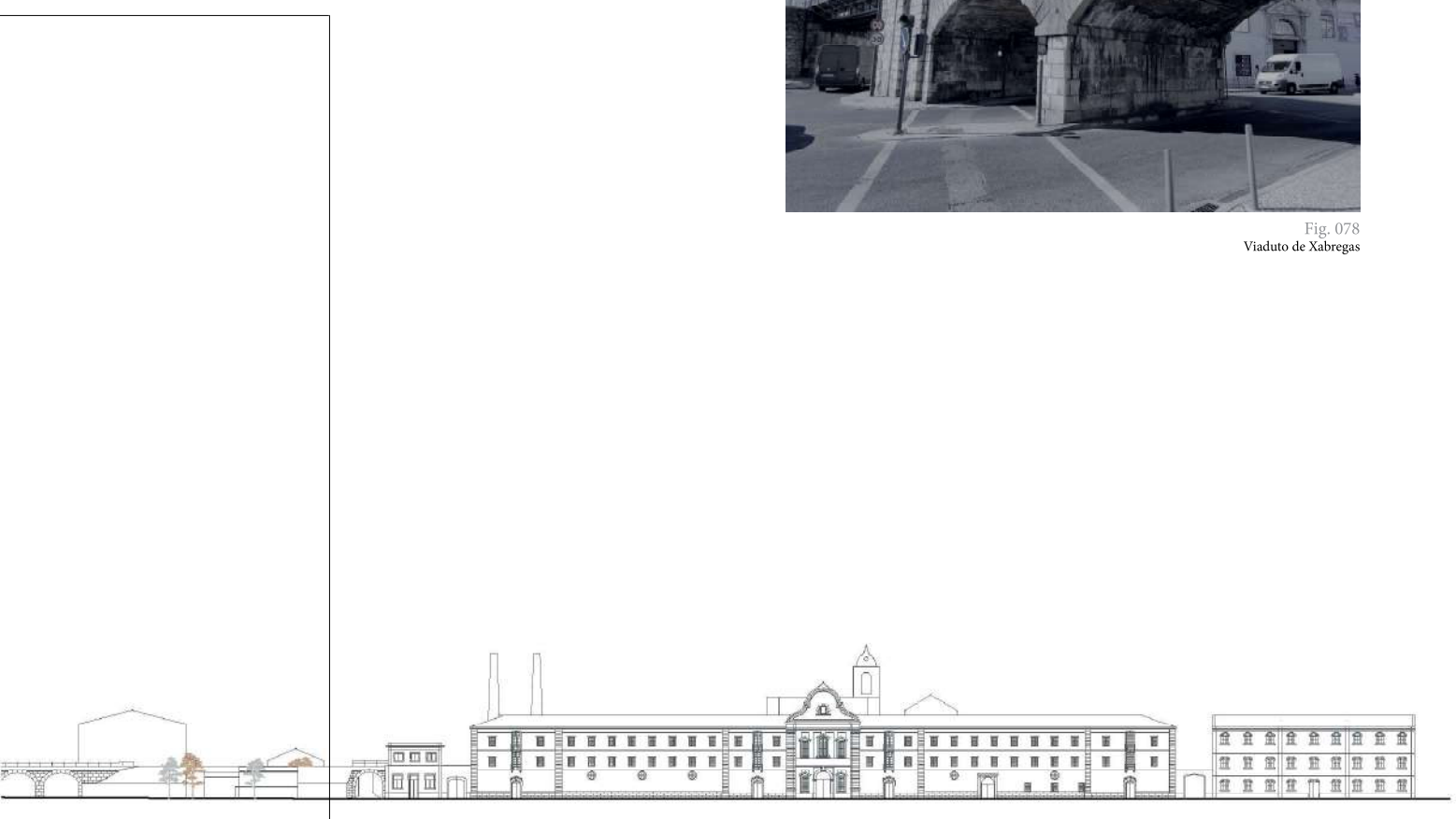




Fig. 077
Zona industrial de Xabregas



Fig. 078
Viaduto de Xabregas



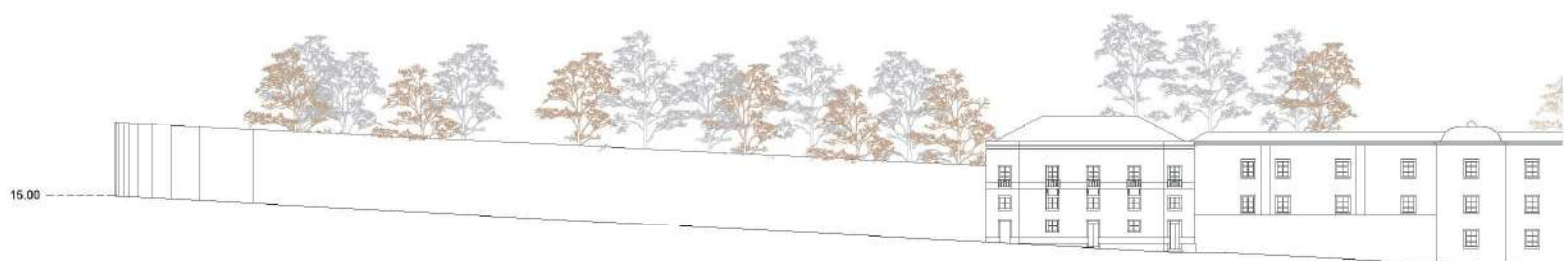
04 Área de Intervenção

05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus

Localizado na zona oriental da cidade de Lisboa, em Xabregas, na rua que lhe deu o nome, o Convento da Madre de Deus, que instala atualmente o Museu nacional do Azulejo e é flanqueado por instalações da Casa Pia, foi fundado no início do século XVI, ao qual poucos anos mais tarde foi mandada construir, com o mesmo nome, a Igreja da Madre de Deus, que agora pertence ao Museu. A norte, é o antigo Palácio dos Marqueses de Nisa e os seus terrenos, a sul é limitado pelo Largo da Cruz de Pedra, a nascente com a Estrada Real que liga Lisboa ao Beato (atual Rua da Madre de Deus) e a poente com a Estrada de Chelas.



Fig. 079
Fachada Convento da Madre de Deus



O edifício sofreu sucessivas alterações na configuração original de cariz manuelino. Na fachada principal destaca-se o monumental portal manuelino em arco trilobado, que procede de uma escadaria e é delimitado por dois botaréis, exibindo um friso de motivos vegetalistas no intradorso, e no extradorso é envolvido por cogulhos enquadrando o escudo de Portugal. Junto à zona do coro-alto, a torre sineira, com porta em arco assente sobre colunelos.



Fig. 080
Pórtico principal do Convento da Madre de Deus

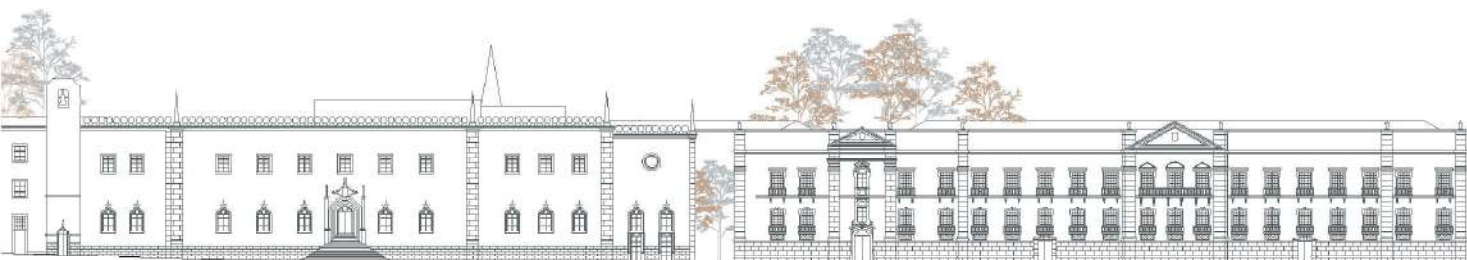


Fig. 081
Alçado principal do Convento da Madre de Deus

04 Área de Intervenção

05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus



A planta incorpora do lado sul a torre sineira e a igreja, com os seus respetivos coros, á qual é adossada a nascente a casa do padre. A norte ficam as dependências conventuais, que foram cedidas e adotadas ao Museu do Azulejo, e um jardim, que rodeiam o claustro que se liga ao claustro, a uma cota superior. O claustro maneirista, adossado à fachada posterior do templo, divide-se em dois andares, apresentando um chafariz ao centro.

A igreja desenvolve-se sobre uma planta irregular, composta pela nave retangular e pela capela-mor quadrada.

Fig. 082
Planta do Convento da Madre de Deus

SISTEMA DE HORTUS CONCLUSUS E ENTRADAS



- 1 - HORTUS CONTEMPLATIONIS
- 2 - HORTUS CATALOGI
- 3 - HORTUS LUDI

Fig. 083
Sistema de Hortus Conclusus e entradas

Hortus Conclusus trata-se de um jardim fechado, muito popular durante o período medieval, e especialmente comum em edifícios religiosos, como igrejas, mosteiros ou conventos, onde originalmente eram usados como uma evocação à Virgem Maria.

Um hortus conclusus clássico é dividido em quatro percursos diferentes, no centro é típico existir uma fonte, lago ou poço, simbolizando a água da vida. O jardim era também em alguns casos projetado para ser um ambiente enclausurado para as mulheres.

As pessoas são encorajadas a deambular pelo jardim, e contemplar o simbolismo religioso no jardim e a natureza da fé.

04 Área de Intervenção

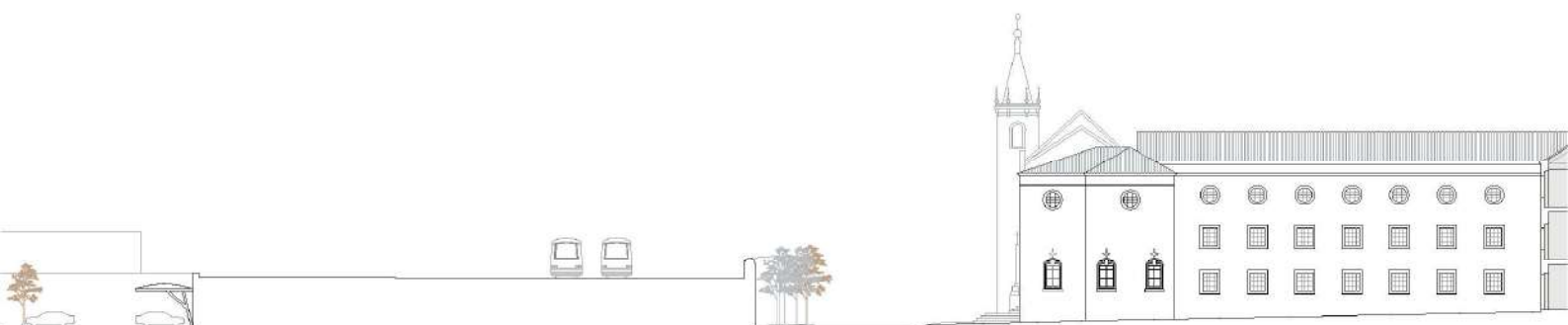
05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus

A cerca conventual era definida por grandes muros e tinha como limites, a norte um jardim que foi do Marquês de Nisa, e do lado nascente com o edifício do Convento e a Estrada de Chelas.

Dividia-se em cerca externa e cerca interna. A cerca externa era composta por hortas, pomar, uma pequena pedreira, dois poços que distribuíam a água pela cerca e forneciam a água para a rega dos espaços agrícolas, tanques de contenção de água, e um pequeno aqueduto que fazia a condução da água para o Mosteiro. Quanto à cerca interna, tinha um poço que fornecia a água para o convento.



Fig. 08
Claustro do Convento da Madre de Deus

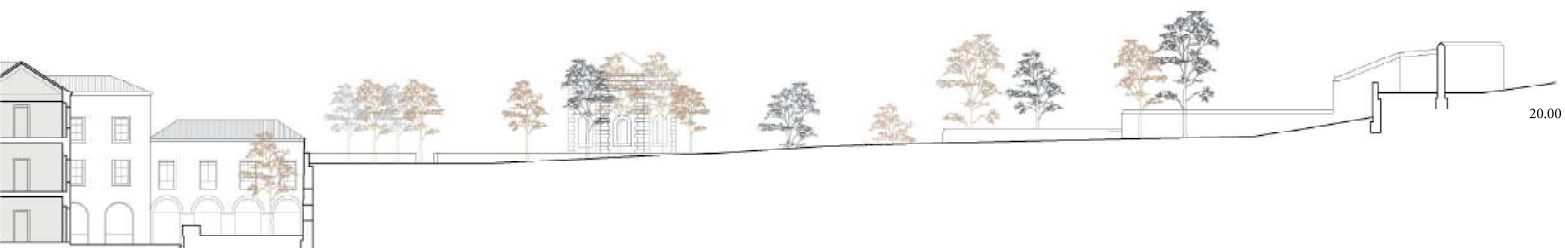
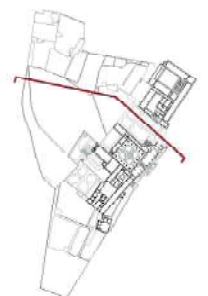


Do terreno onde foi implantado, subsistiu a atual Capela D. Leonor, rainha fundadora do convento em 1509. Em 1551, D. João III ordena a expansão do edifício com a construção da Igreja da Madre de Deus e um novo claustro de modelo clássico. Foram colocados painéis de azulejo holandeses na igreja, a talha dourada abunda em todo o edifício, e foram feitas obras de recuperação após o terramoto de 1755, que dá origem a uma nova capela-mor. Com a extinção das ordens religiosas em 1834 o convento é extinto e cedido a Asilo D. Maria Pia, já instalado no Palácio.



Fig. 085
Claustro principal do Convento da Madre de Deus

Fig. 086
Corte Transversal do Convento da Madre de Deus



04 Área de Intervenção

05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus

A cerca é definida por um grande muro de 5.50m, que há mesma cota limita o interior, e o diferencia do exterior, nesta zona de Hortus Ludi. Um outro muro de contenção, aproveita a diferença de cotas e cria uma zona de modo a se observar o Convento da Madre de Deus. Espacialmente estes dois muros observados individualmente não definem esta zona de permanência, mas quando analisados em conjunto definem uma plataforma de miradouro sobre a cerca que se estende pela linha de fecho que vem do Alto de São João e que culmina numa pente em direção à boca do Vale de Chelas e ao Rio Tejo.

Esta plataforma serve também de controlo de entrada na cerca.



Fig. 087

Muro da Cerca do Convento da Madre de Deus



Fig. 088

Muro da Cerca do Convento da Madre de Deus

Este muro de contenção funciona como limite interior da cerca, ao contrário do que acontece nos recintos monásticos que se encontram ancorados nos vales e nas colinas. Onde o desenho do terreno está relacionado com o controlo territorial e com o olhar a grandes distâncias, e construção de embasamentos que funcionam como um processo de adição ao terreno. Este é desenhado de forma oposta, num processo de subtração de matéria, onde o terreno é escavado de forma a encaixar os espaços, assim os espaços tendem a ser mais introvertidos.

Este limite separa o Hortus Ludi de um pátio adjacente ao Convento da Madre de Deus, e estando a uma cota alta acaba por ter um domínio visual sobre este pátio. Este muro estando a uma cota mais alta, não define uma zona de permanência, mas é essencial para definir o pátio que é visto como um espaço exterior, e por ser vertical se vira sobre si mesmo.

Este muro construído em alvenaria de pedra e reboco, relaciona-se com o convento através de capeamento em pedra lioz.



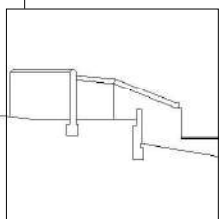
Fig. 089

Pátio Convento da Madre de Deus



Fig. 090

Pátio Convento da Madre de Deus



20.00

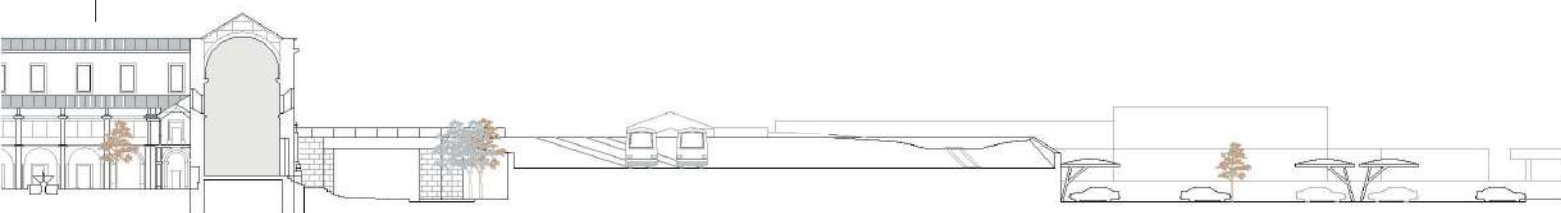


Este muro de contenção, desenha no pátio um pequena diferença de cota, que o permite articular-se com o terreno, e ao mesmo tempo um percurso contíguo ao convento que vai agarrar a escala das arcadas do braço que se estende a nordeste deste pátio, definindo as entradas a este espaço exterior e às zonas de circulação. Especialmente este muro não tem força suficiente , para corromper a leitura do pátio, sendo lido como um só espaço.



Fig. 091
Patio do Museu do Azulejo

Fig. 092
Corte transversal do Convento da Madre de Deus



4.00

04 Área de Intervenção

05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus

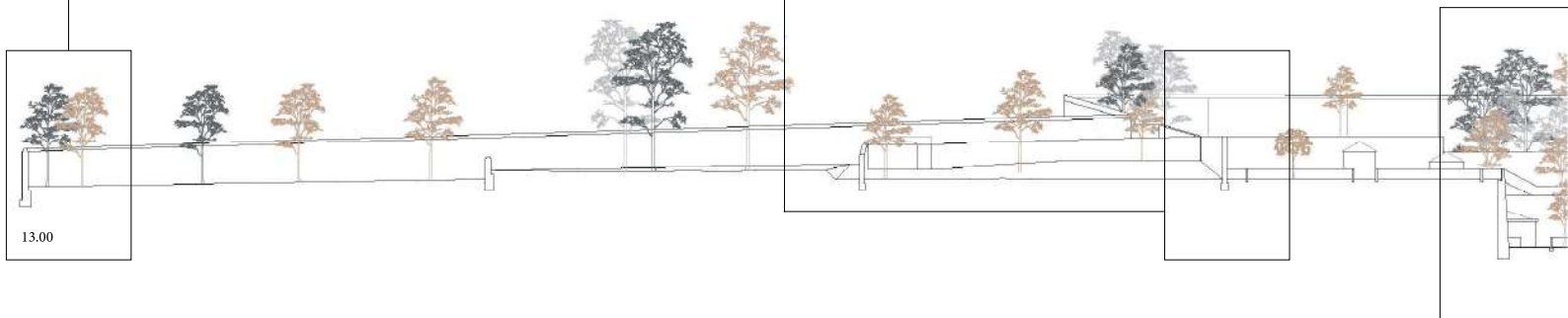
Muro de limite de propriedade, que separa o espaço público, Largo da Cruz de Pedra, do recinto conventual, através de um eixo de elevada dimensão, cortando a relação entre o Hortus Ludi e o exterior profano, mantendo a vida oculta da cerca do convento da Madre de Deus.

Muros simples que representam a separação entre o Hortus Ludi e o espaço exterior de tendência espiritual, composto por um tanque centrado, rodeado por canteiros que dividem o espaço em quatro parcelas, onde nos seus limites são adoçadas pequenas capelas.

Entende-se por tanto, por um espaço exterior de deambulação e programa espiritual, e por isso estes muros de limite, de forma a que não haja perturbação nem relação com os outros espaços.

Analisando, o conjunto de elementos fazem deste Hortus Catalogi/Contemplationis uma caixa aberta ao céu. A própria forma dos canteiros definem o espaço que é percorrido, submetendo ao ambiente de um claustro.

O espaço é a seu nível construtivo, de alguma nobreza, com remates em pedra lioz nos vãos das capelas.



Este não se trata apenas de um muro de contenção, existe também uma das capelas que lhe é associada, e que vai chegar a um dos braços do convento, e por isso, este é um dos muros mais complexos da cerca. Trata-se da divisão entre as diferentes cotas, permitindo a relação visual entre os dois espaços.
 Define o percurso de ligação entre as três cotas diferentes do Hortus Catalogi.
 Um espaço também desenhado com um tanque e de proporções verticais, leva a que este limite com programa interior, passe a ser um espaço habitado em tensão. À semelhança do espaço anterior, também este contém alguns remates em pedra calcária.

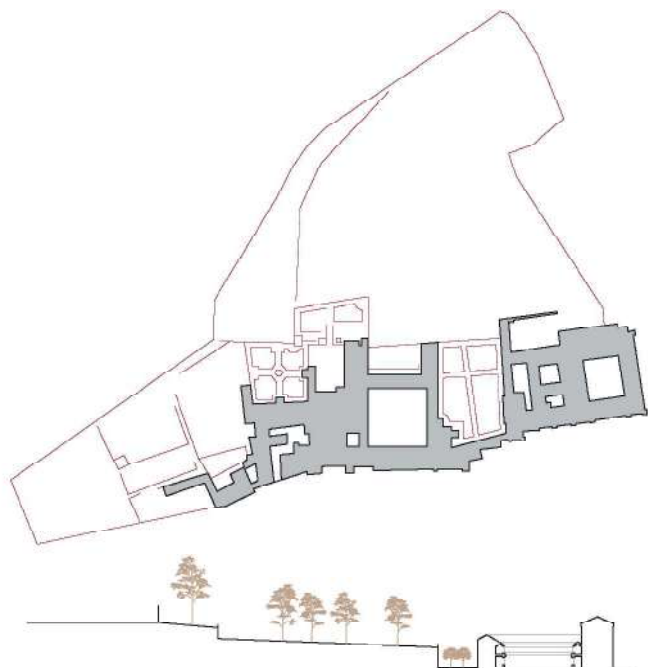
Muretes que definem um subespaço existente dentro de outro, não como uma barreira mas sim como um articular de duas instâncias diferentes do mesmo espaço, é natural encontrar estes espaços mais ligados à vegetação e à natureza.
 Estes muretes normalmente não apresentam relação com a topografia, sendo sobretudo usados para limitar uma área de vegetação dentro de um outro espaço de maior dimensão. Visualmente estes, não perturbam a relação periférica a partir do convento.

Fig. 093
 Corte longitudinal do Convento da Madre de Deus



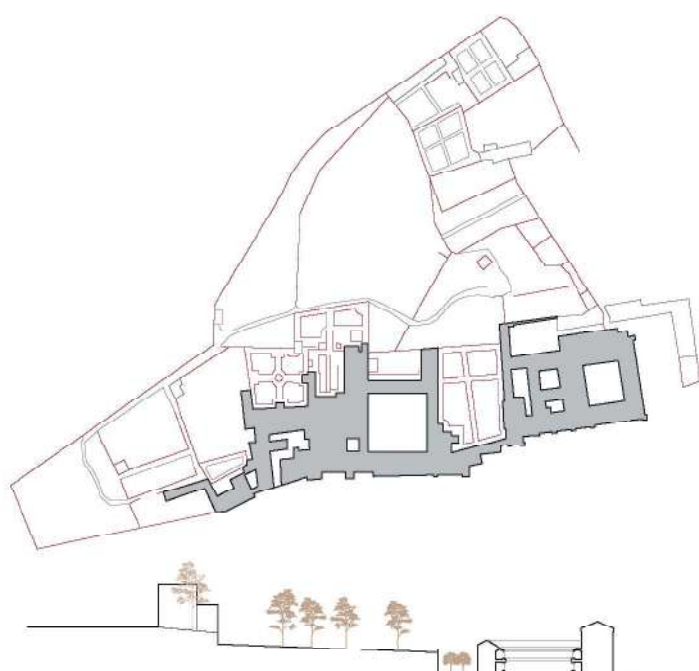
04 Área de Intervenção

05.4 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus

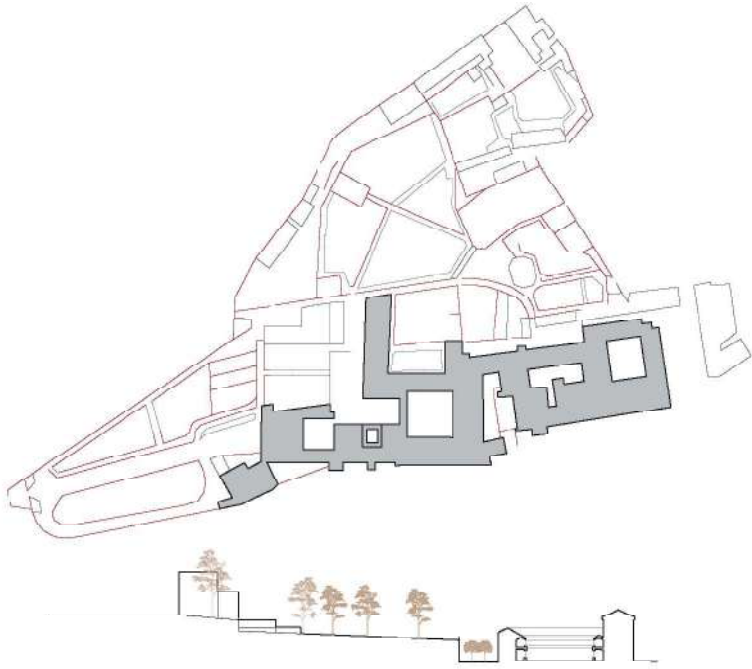


EXTINÇÃO ORDENS RELIGIOSAS
<1834

CERCA DA MADRE DE DEUS
ESTADO INICIAL

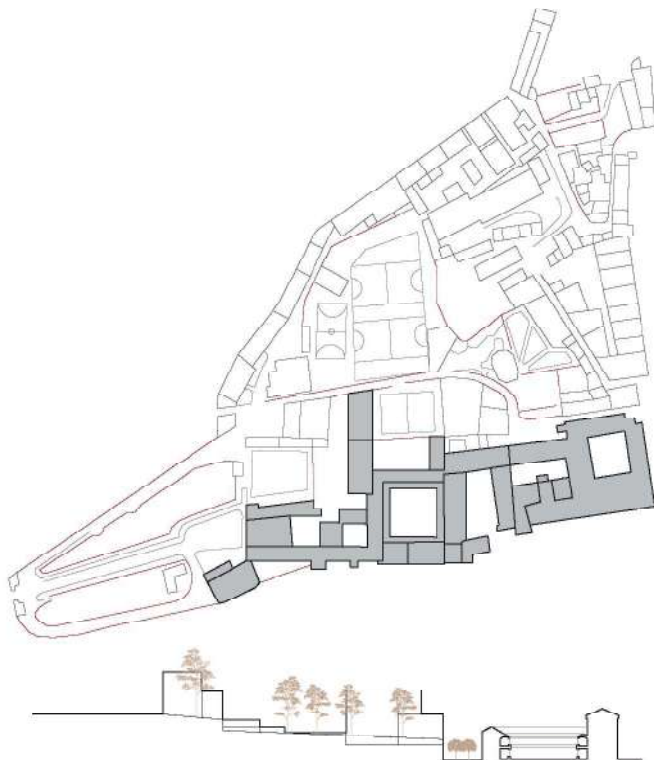


FILIPE FOLQUE
1856-1858



SILVA PINTO
1911

OCUPAÇÃO DA CERCA



ESTADO ATUAL

Fig. 094
Evolução da cerca do Convento da
Madre de Deus

PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.1 Destruição das Chaminés Industriais



Fig. 095
Demolição das Chaminés Industriais, Belém



Fig. 096
Demolição das Chaminés Industriais, Belém

Em 1950, ocorreu um processo de desindustrialização da área, uma operação para a demolição das chaminés industriais da Fábrica do Gás em Belém, junto à Torre de Belém.



Fig. 097
Demolição das Chaminés Industriais, Belém

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.2 Exposição do Mundo Português, 1940

Em 1940, ocorre a Exposição do Mundo Português, esta levaria à maior mudança, uma requalificação do núcleo central de Belém, onde agora se implanta a Praça do Império. Belém passou a ser então uma das zonas de maior interesse turístico da cidade, onde assume uma condição de centro cultural e monumental devido ao seu grande conjunto patrimonial de elevada relevância histórica e artística.

A Exposição do Mundo Português em 1940, em Belém, foi o acontecimento político e cultural mais marcante do Regime, e a par da Expo 98, a maior exposição organizada em Portugal.

Inaugurada em plena Segunda Guerra Mundial, no dia 23 de Julho, teve como intuito dois propósitos, tanto um espaço de divulgação da história do país como também a propaganda ao Estado Novo.

Esta exposição ocupava um total de 56 hectares, e teve cerca de 3 milhões de visitantes, sendo a maioria portugueses, muitos foram também os estrangeiros que por lá passaram, sendo muitos deles refugiados de guerra.

Com o seu centro na Fonte Monumental da Praça do Império, a exposição foi distribuída em forma rectangular, sendo o Mosteiro dos Jerónimos usado como cenário principal contrastando com o Rio Tejo, e era delimitada pelo “Pavilhão dos Portugueses do Mundo” e pelo “Pavilhão da Honra de Lisboa” encontrando-se também o Espelho d’Água e o Monumento do Padrão dos Descobrimentos, sendo a exposição desde a Praça Afonso de Albuquerque até à Torre de Belém.



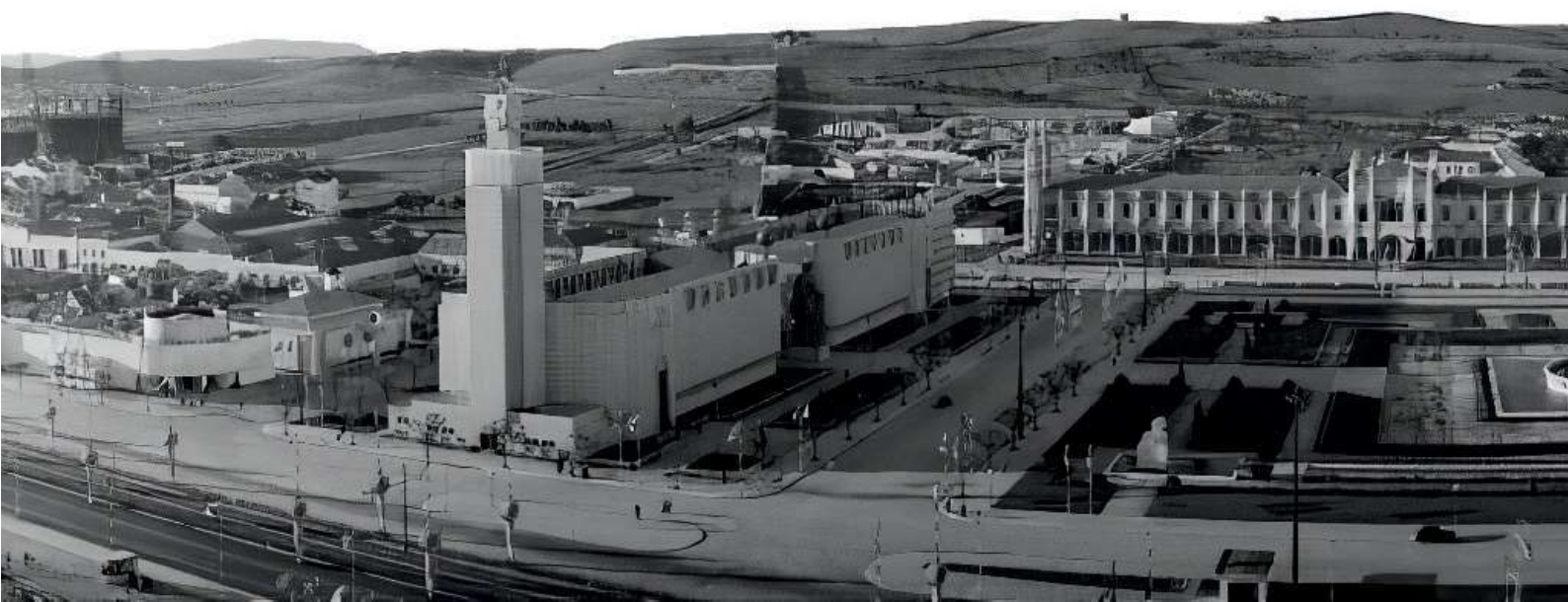
Fig. 098

Imagem aérea da Exposição do Mundo Português, Belém



Fig. 099

Maquete, Exposição do Mundo Português, Belém



Uma exposição de amostra, com diversos espaços, de temas como a história de Portugal, as colónias e a etnografia. Para divulgar a ação do Estado Novo existia também um bairro industrial e comercial, um pavilhão das telecomunicações e outro sobre o caminho-de-ferro.

A escolha de Belém para o local desta exposição recaiu à necessidade de glorificar o passado dada a sua proximidade do Rio Tejo e do Mosteiro dos Jerónimos.



Fig. 100
Plano e programa da Exposição do Mundo Português

Para esta operação foram realizadas várias demolições consideráveis entre 1938 e 1940, no entanto não foi pensado um plano para o pós-exposição, e após o encerramento em Dezembro de 1940, à excepção do Museu de Arte Popular e a Praça do Império, as construções e monumentos da exposição foram demolidas.



Fig. 101
Vista aérea sobre a Praça do Império



Fig. 102
Vista aérea sobre a intervenção da Exposição do Mundo Português, Belém

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.3 Centro Cultural de Belém

Em Janeiro de 1988 é lançado o concurso de um projeto para a cidade de Lisboa, de um equipamento que pudesse receber e promover diversas atividades culturais e de lazer, e que recebesse a Presidência Portuguesa da Comunidade Europeia.

A importância de Belém como impulsionador das descobertas marítimas conservou-se com o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. A sua relevância nacional justificou a realização da Exposição do Mundo Português em 1940, e foi com este reconhecimento da importância patrimonial e urbana que Belém é escolhida como local da construção do Centro Cultural de Belém, que iria ocupar o lugar do Pavilhão dos Portugueses no Mundo.

Ao concurso internacional concorreram 57 projetos, a proposta vencedora foi do Arquiteto Vittorio Gregotti e do Arquiteto Manuel Salgado. O projeto previa a construção de cinco módulos, Centro de Reuniões, Centro de Espetáculos, Centro de Exposições, Zona Hoteleira e Equipamento complementar.

A construção teve início em Setembro de 1988 e terminou em 1993, tendo sido apenas construídos os três primeiros módulos. O projeto teve em conta uma unidade base de 7,5 metros para se definir a modelação do espaço, a pedra e os vãos.

A envolvente histórica e monumental em torno do Mosteiro dos Jerónimos, foi determinante para o pensamento dos arquitetos do projeto, para a realização do conjunto de edifícios que completam o Centro Cultural de Belém.

Separada por duas ruas internas e ligados por um caminho pedonal que estabelece uma continuidade com a Praça do Império, este é caracterizado também pelos seus jardins, rampas e praças.



Fig. 103
Vista aérea do Centro Cultural de Belém



Fig. 104
Praça do Centro Cultural de Belém

A sua organização estabelece-se da seguinte forma:

MÓDULO 1 - CENTRO DE REUNIÕES

Com a fachada principal virada a poente da praça do Império e uma área bruta de 30.000 m², este é um espaço direcionado a reuniões e congressos, contendo três salas de reuniões, um restaurante, dois bares, posto médico, lojas e garagem.

MÓDULO 2 - CENTRO DE ESPETÁCULOS

Entre os dois módulos e com uma área bruta de 22.000 m², é constituído por três salas de espetáculos, desenhadas para receber diversos tipos de eventos, desde teatro, cinema, música, dança, e contendo também oficinas e armazéns.

MÓDULO 3 - CENTRO DE EXPOSIÇÕES

Com uma área bruta de 35.000 m², este é um espaço de exposição polivalente, destacando a área expositiva que se estabelece em 4 galerias, e um museu. Este espaço alberga ainda um restaurante, galeria comercial, áreas de manutenção e montagem de exposições e salas comuns.

Também aqui se situa a galeria Garagem Sul, um espaço para receber exposições de arquitetura.

Os módulos 1 e 2 ligam-se através de foyer's comuns aos dois auditórios, e o módulo 2 e 3 ligam-se através do grande hall de exposições temporárias. Os 3 módulos contêm espaços exteriores, jardins e caminhos pedonais.

A estrutura é constituída por elementos de betão armado, e de estrutura metálica na cobertura do Grande Auditório, paredes estruturais em betão, e pedra trabalhada no revestimento exterior dos edifícios.

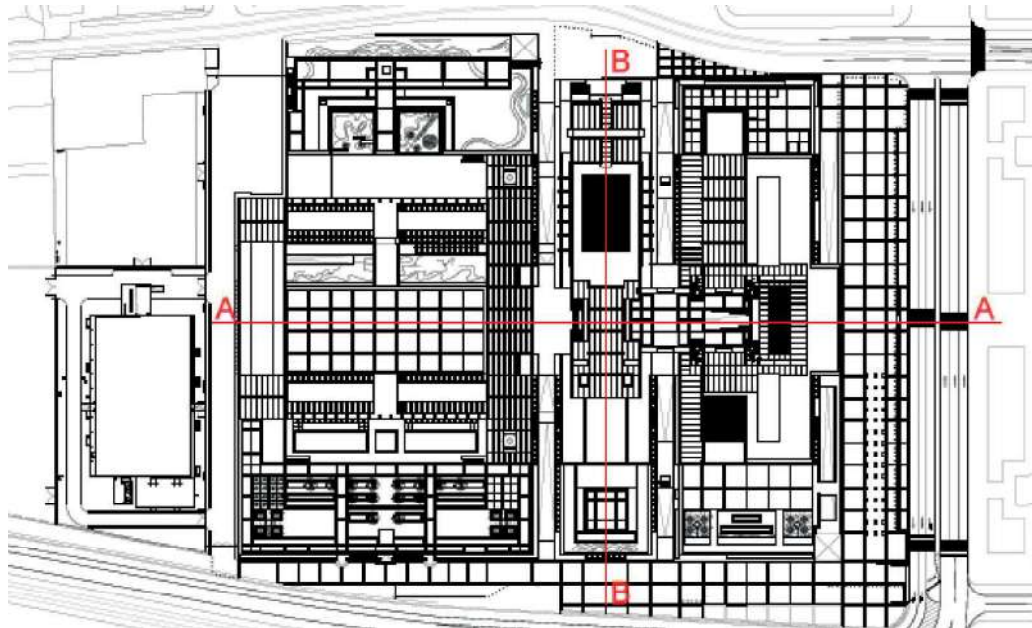


Fig. 105
Plantas e Cortes Centro Cultural de Belém

PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.1 Estratégia

A estratégia para a área de intervenção, passa por requalificar a frente conventual que é agora ocupada pelo aterro da linha ferroviária, de forma a projetar um novo espaço público qualificado na zona de Xabregas.

Corrigindo operações topográficas que foram feitas para a linha ferroviária, transformando o aterro numa infraestrutura, aliando a relação entre infraestruturas industriais e espaço público, como também a antiga relação entre esta zona da cidade e o rio.

O projeto procura resolver a chegada do vale de Chelas como corredor verde, à zona ribeirinha, ao mesmo tempo que projeta um novo jardim do Convento da Madre de Deus. Este novo jardim, vai albergar o Centro Cultural de Xabregas, um programa cultural alternativo, que tem como objetivo promover as atividades profissionais da zona e os artistas.

O Centro Cultural de Xabregas define-se através dos seus claustros invertidos, que definem os espaços geradores do programa. Estes pátios que se ligam através de um percurso, são também os principais espaços de iluminação e ventilação natural.

O projeto caracteriza-se também pelos espaços de duplo pé-direito, galerias, e pátios-jardim interiores.

Salientando também a entrada feita através da grande escadaria, que define não só o anfiteatro de rua, como também a ligação transversal entre o Centro Cultural de Xabregas e o Convento da Madre de Deus, (mais concretamente para a entrada do Museu do Azulejo).

Na proposta é recuperado também o mercado de rua de Xabregas, que se vai situar no largo dos Marquês de Nisa, tal como acontecia no início do século XX, e ainda retomar a relação que esta zona tinha com o rio Tejo, fazendo com que este perfure a cidade no sentido do vale, e aproximando o contacto das pessoas com o rio.

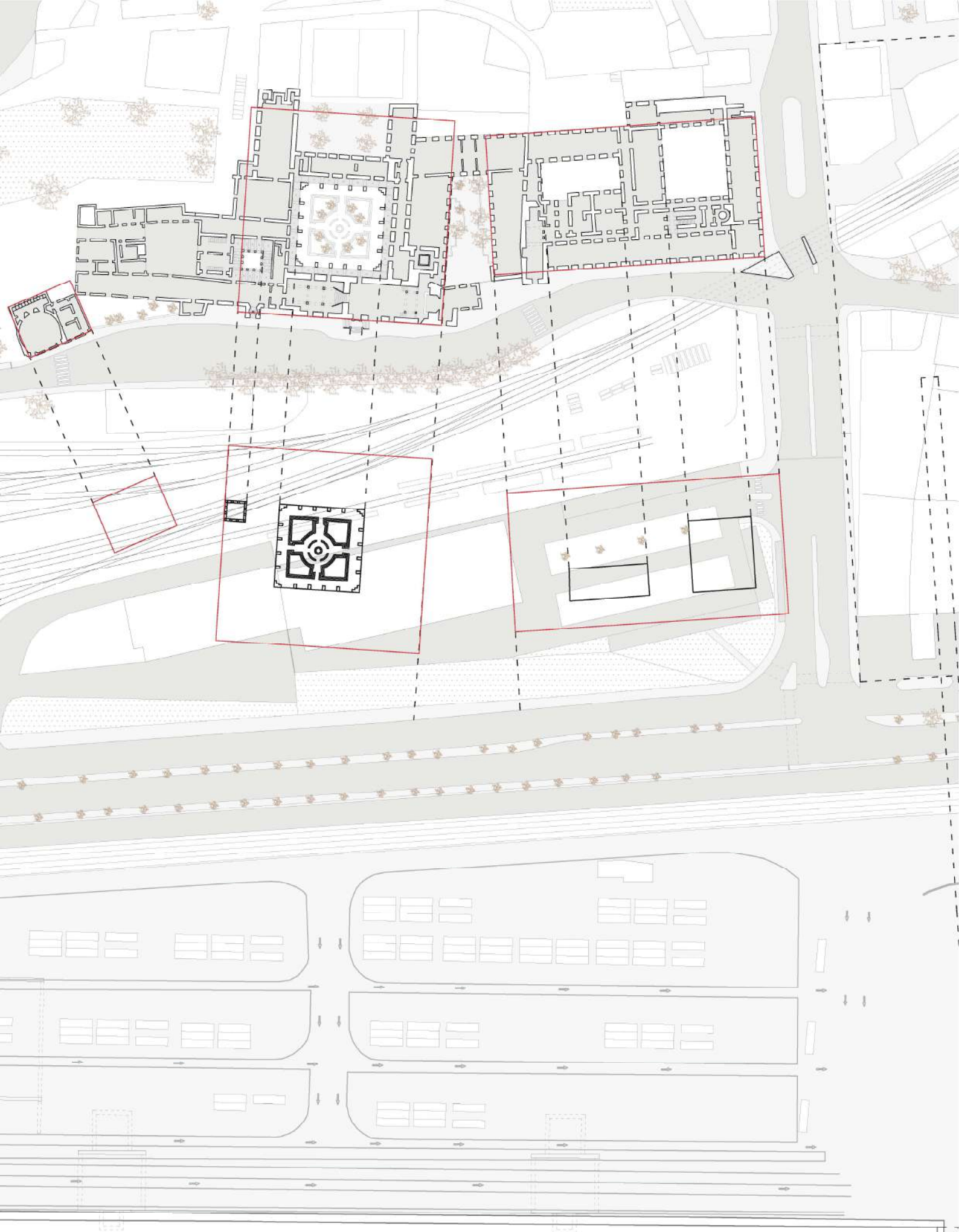


Fig. 107

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas
05.4.2 Plantas

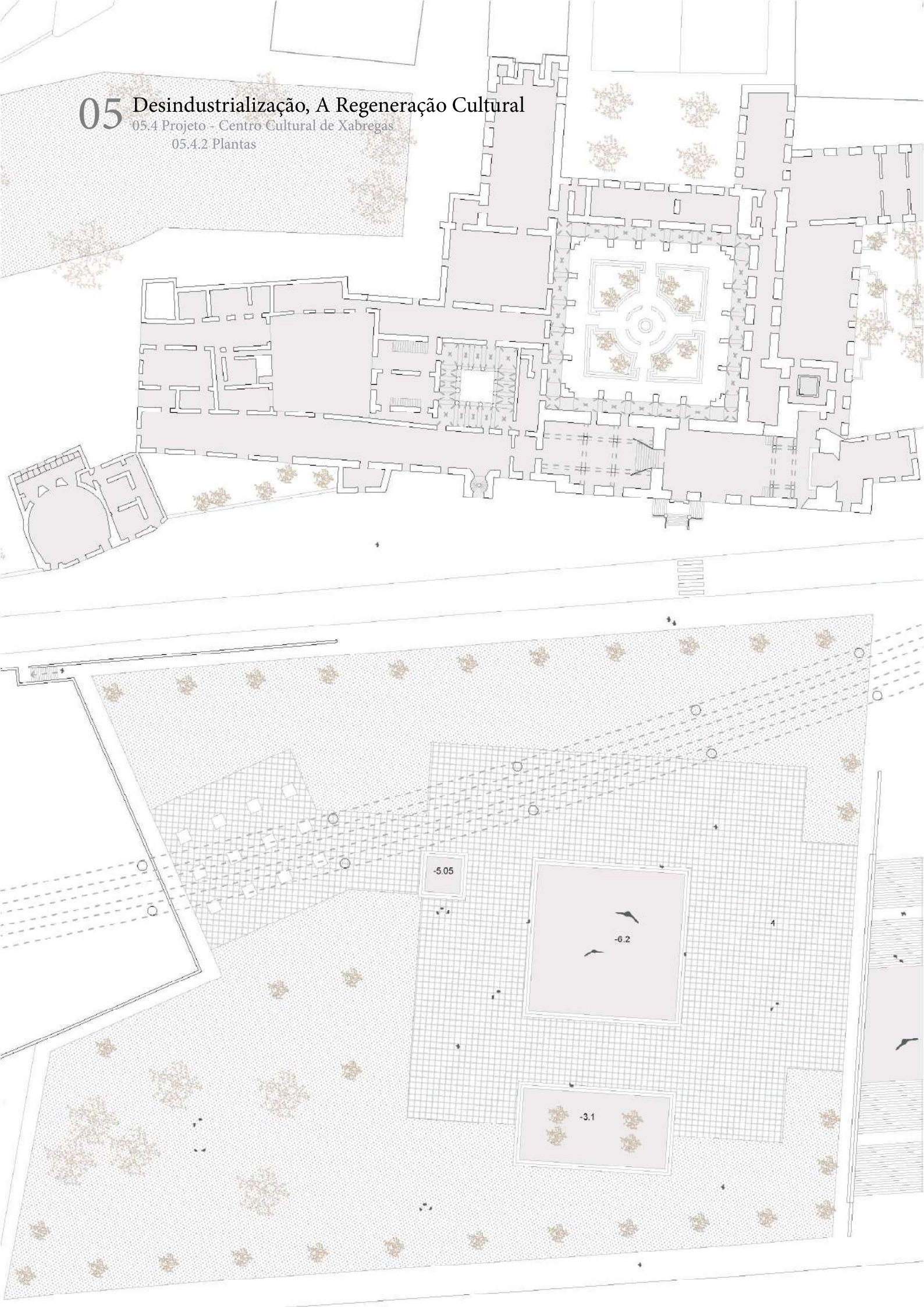




Fig. 108

Planta Piso 0 - Jardim do Convento

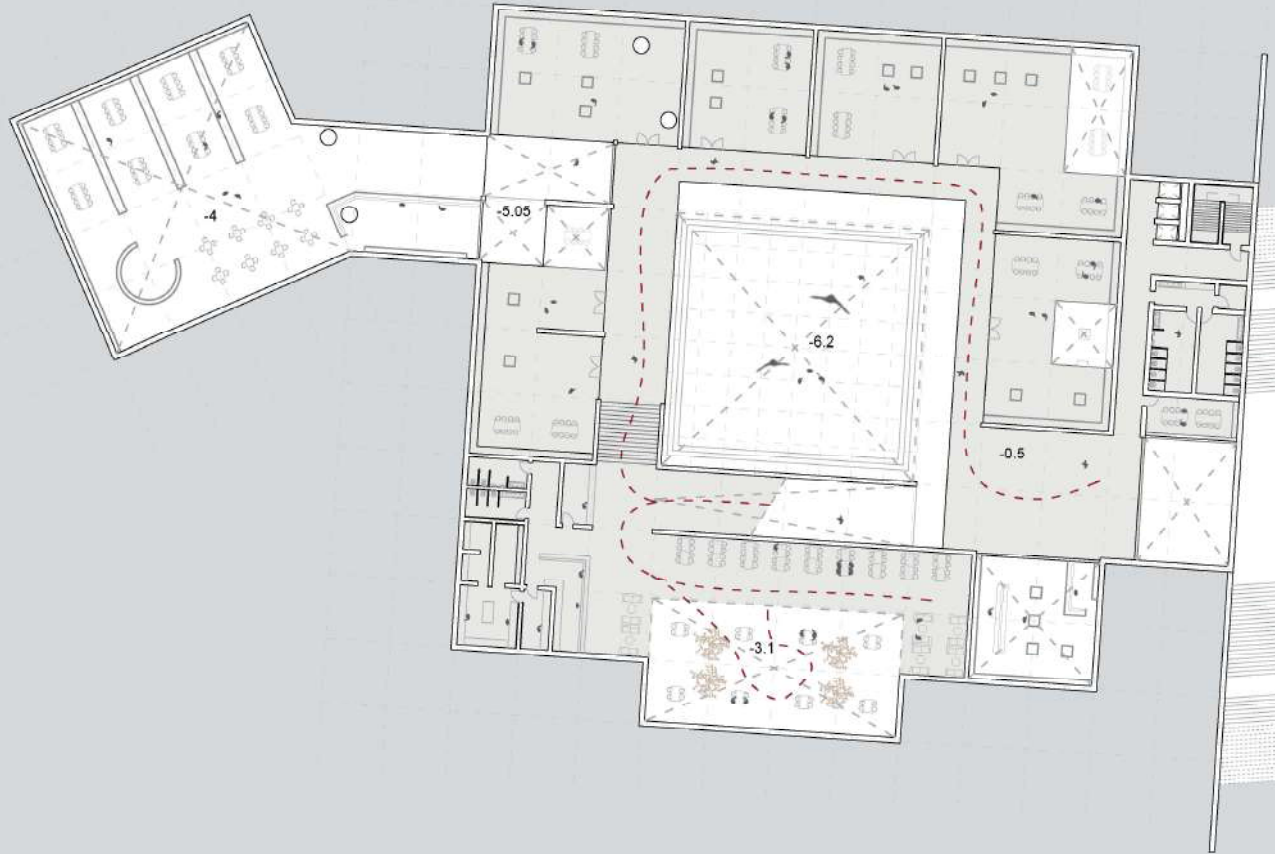
Programa:

- 1 - Jardim do Convento
- 2 - Mercado de Xabregas

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.2 Plantas





Planta Piso -1 - Centro Cultural de Xabregas

Programa:

Módulo 1 - Centro de Criação e Produção

- 1 - Restaurante / Bar
- 2 - Pátio Restaurante
- 3 - Atelier's e Oficinas



Planta Piso -2 - Centro Cultural de Xabregas

Programa:

1 - Anfiteatro

Módulo 1 - Centro de Criação e Produção

- 2 - Recepção
- 3 - Loja / Livraria
- 4 - Pátio Expositivo
- 5 - Atelier's e Oficinas

Módulo 2 - Centro de Arte e Espetáculos

- 6 - Recepção
- 7 - Auditório Principal
- 8 - Zona Expositiva
- 9 - Pátio Expositivo
- 10 - Auditório Expositivo

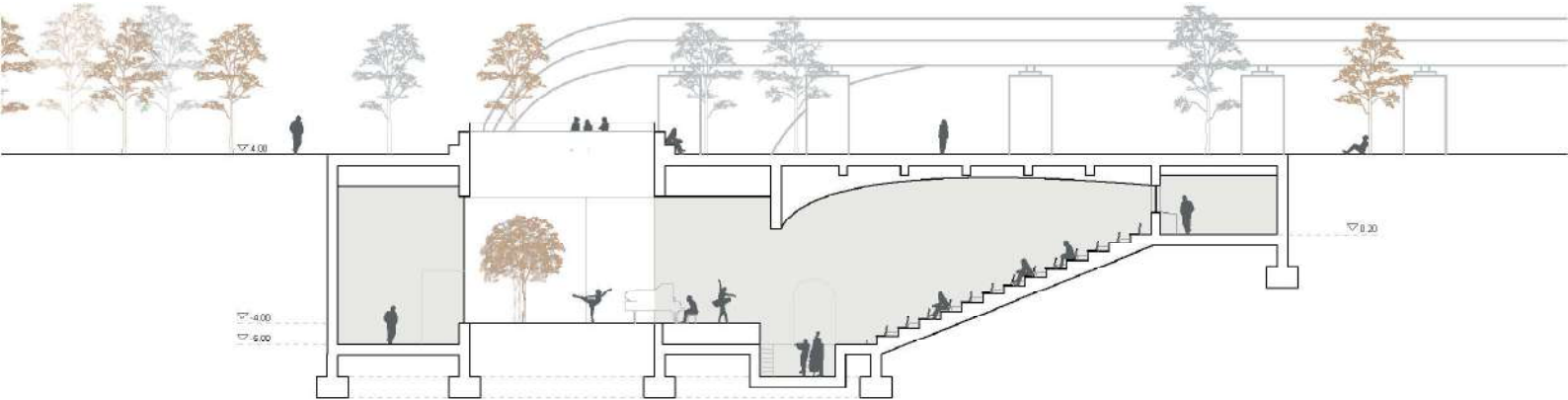
Módulo 3 - Centro de Leitura e Interatividade

- 11 - Mediateca

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.3 Cortes



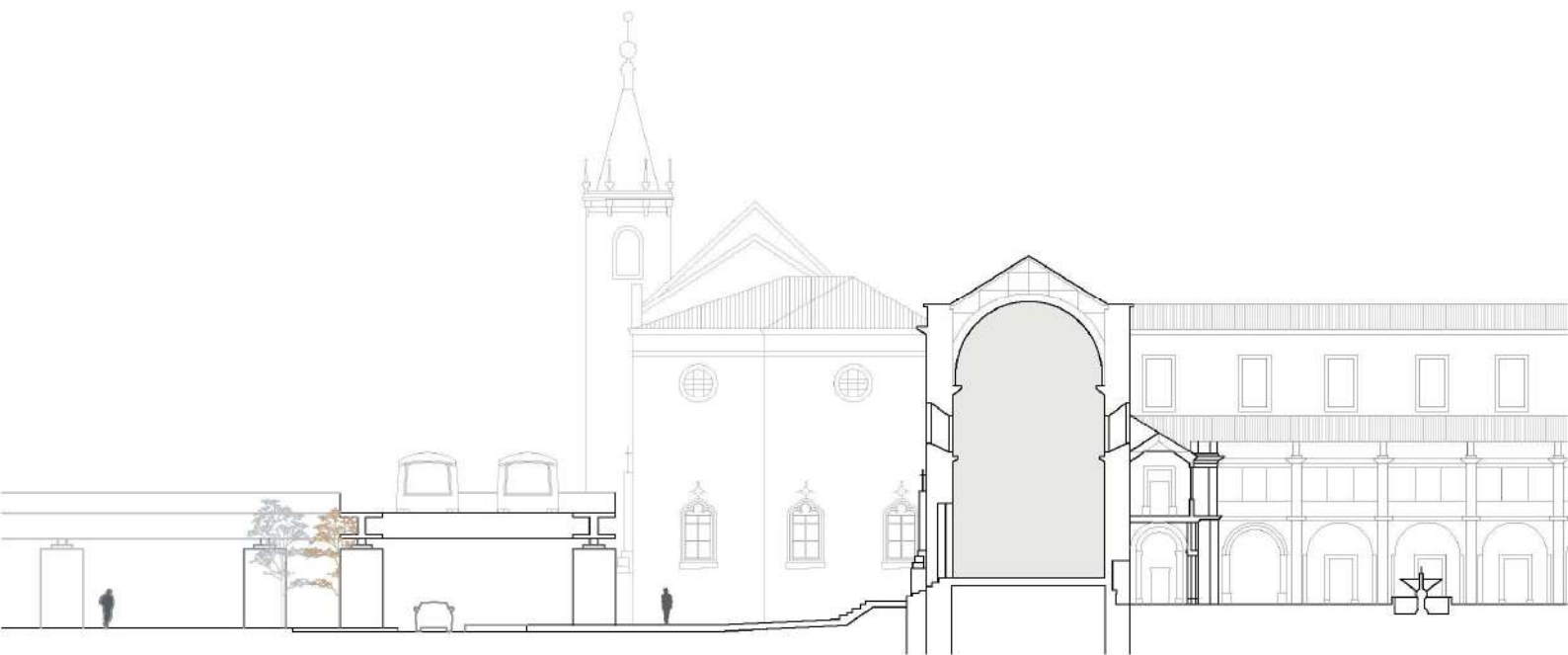
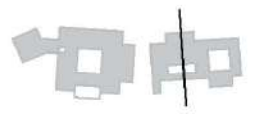
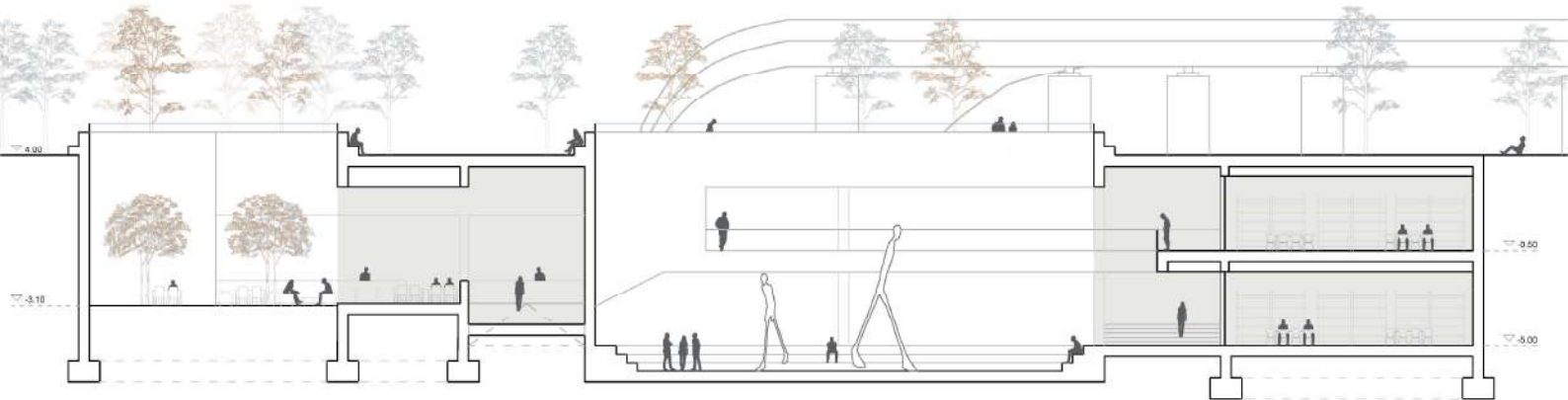


Fig. 110

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.3 Cortes



剖面

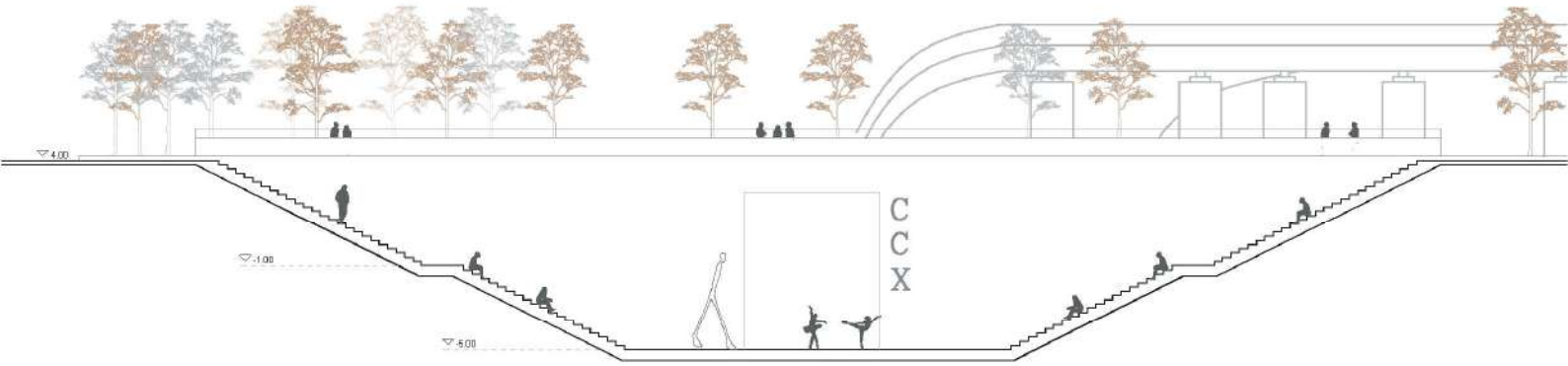


Fig. 111

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.3 Cortes



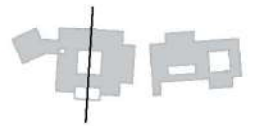


Fig. 112

05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

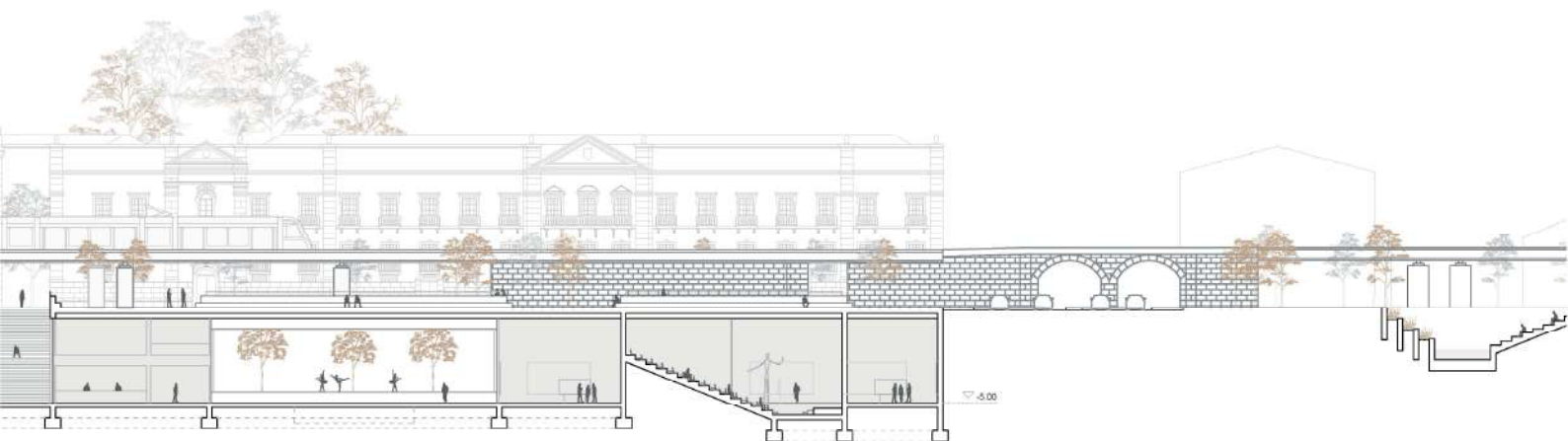
05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.3 Cortes





Fig. 113



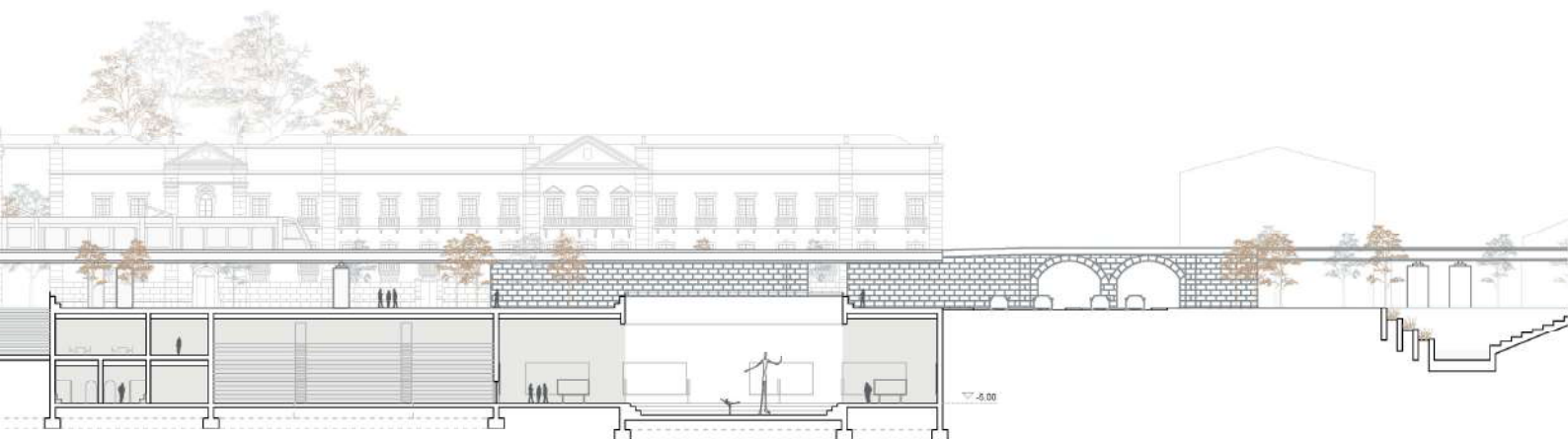
05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.3 Cortes



塔南



05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade

A estrutura do Centro Cultural de Xabregas, é definida principalmente por betão armado branco aparente com aditivos de pedra calcária, neste caso pedra lioz. Com um sistema de paredes estruturais com a mesma materialidade, assentes em sapatas contínuas.

A intenção do uso desta materialidade para este edifício, surge com a intenção de combinar a necessidade de suporte de grandes vãos muitos deles em consola, com o valor histórico e cultural do lugar.

A pedra lioz é um tipo de calcário, que foi formado em um ambiente de mar pouco profundo, onde muitas das vezes ocorre a fossilização de organismos de esqueleto carbonatado.

O projeto ao se implantar numa zona de aterro, onde outrora dava lugar ao rio Tejo, pretende-se que a materialidade do edifício contenha o carácter histórico do lugar, onde o betão branco com aditivos de pedra lioz, relembre ao mar, a uma cidade e um país fortemente ligados às conquistas marítimas e aos descobrimentos.

Sendo o projeto implantado em frente ao Convento da Madre de Deus, é importante também realçar o uso e valor da pedra lioz na construção de igrejas, palácios e conventos, como por exemplo, na construção do Mosteiro dos Jerónimos, na Torre de Belém, e no Convento da Madre de Deus.

Os acabamentos tanto na cobertura, na junção ao teto falso, como no fim dos pavimentos e escadarias, são em pedra lioz.

Tanto a ventilação e iluminação natural são feitas pelos grandes pátios que recebem os principais espaços do projeto.



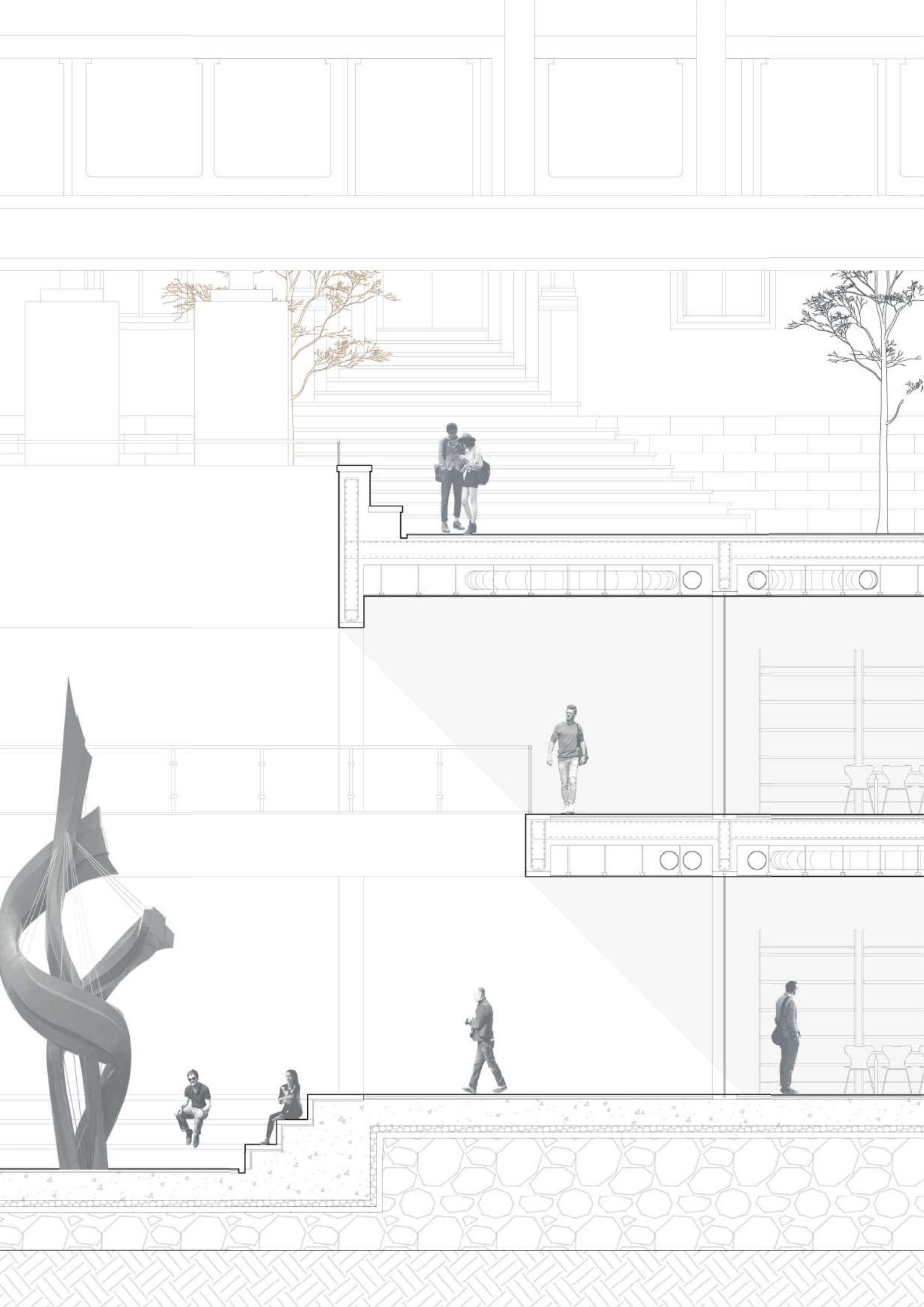
Betão Branco



Pedra Lioz



Fósseis na pedra Lioz

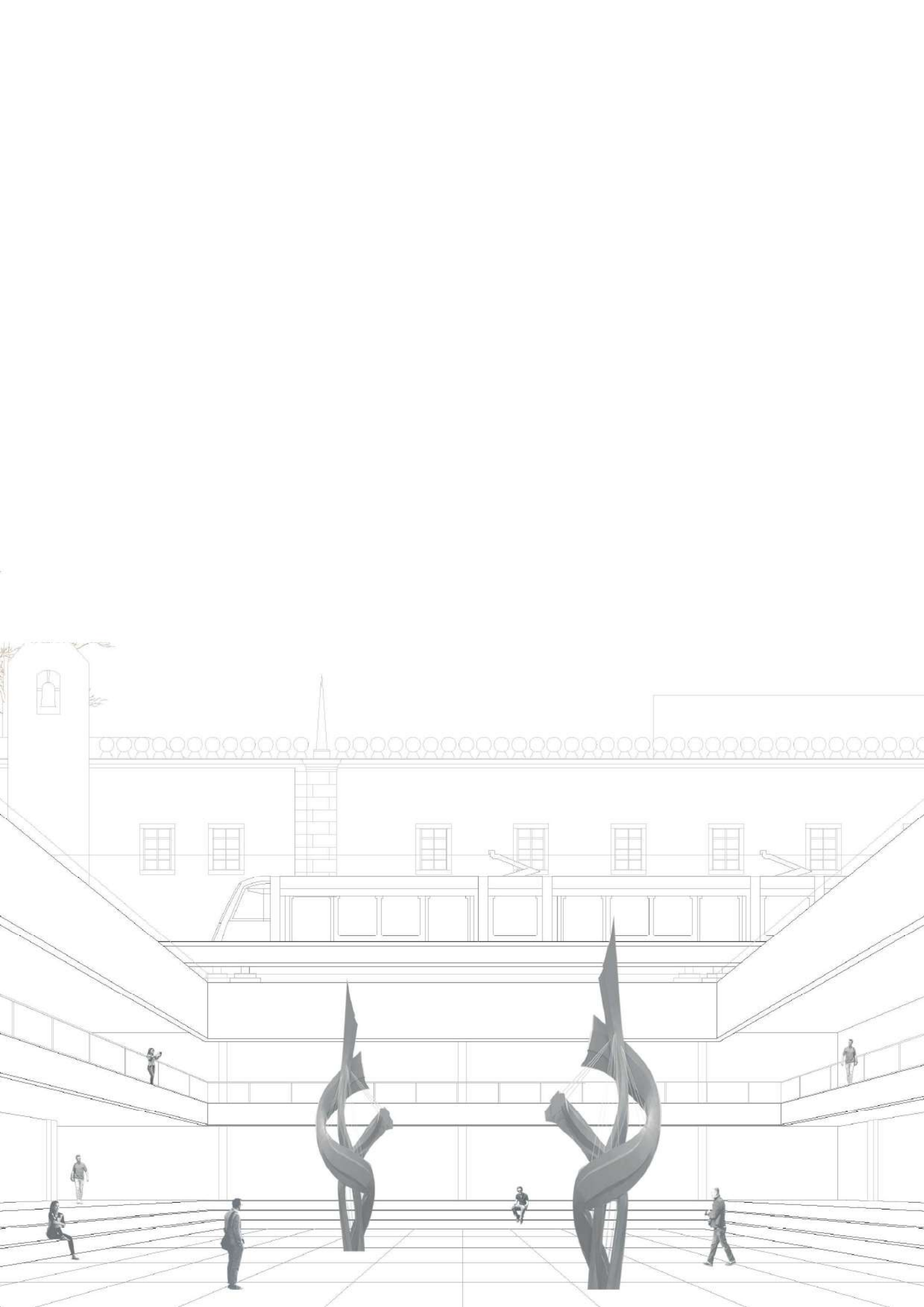


05 Desindustrialização, A Regeneração Cultural

05.4 Projeto - Centro Cultural de Xabregas

05.4.5 Perspetivas





CONSIDERAÇÕES FINAIS

AGRADECIMENTOS	007
RESUMO	008
ABSTRACT	009
ÍNDICE GERAL	010 - 011
01 INTRODUÇÃO	014 - 016
01.1 Objeto, Objetivo e Estrutura	014
01.2 Contextualização Geral	016
02 INDUSTRIALIZAÇÃO - LISBOA OPERÁRIA	020 - 035
02.1 Evolução Histórica e Urbana da Cidade	020
02.2 Infraestruturas Industriais e Edifícios Monumentais	022
02.3 Espaços e Corredores Verdes	032
03 DE ESPAÇO RELIGIOSO E CULTURAL A COMPLEXO INDUSTRIAL	038 - 061
03.1 Vale de Chelas, de Corredor Verde a Núcleo Fabril	038
03.2 Belém e Xabregas, Fim do Carácter Cultural e Início do Industrial	042
03.3 Evolução Urbana e Crescimento das Infraestruturas Industriais	052
04 ÁREA DE INTERVENÇÃO	064 - 103
04.1 Análise Biofísica	064
04.2 Planos de Urbanização	070
04.3 Evolução Histórica e Urbana de Xabregas	076
04.4 Operações Topográficas feitas para as Infraestruturas Industriais	088
04.5 História e Análise à Cerca e Convento da Madre de Deus	092
05 DESINDUSTRIALIZAÇÃO, A REGENERAÇÃO CULTURAL	106 - 133
05.1 Destruição das Chaminés Industriais	106
05.2 Exposição do Mundo Português	108
05.3 Centro Cultural de Belém	110
05.4 PROJETO - CENTRO CULTURAL DE XABREGAS	108 - 125
05.4.1 Estratégia	114
05.4.2 Plantas	116
05.4.3 Cortes	120
05.4.4 Corte Construtivo e Materialidade	130
05.4.5 Perspetivas	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
FONTES	140 - 141
Referências Bibliográficas	
Referências Eletrónicas	

Considerações Finais

Com a principal intenção de não intervir na linha ferroviária, mesmo esta passando a cerca de um metro da fachada do Convento da Madre de Deus, foi inicialmente, difícil de arranjar uma solução de intervenção, devido à falta de espaço onde intervir, visto que grande parte da área desta zona é ocupada pelo terreno da empresa CP-Comboios de Portugal, e pelo porto de contentores de Santa Apolónia. No entanto a intenção de criar um espaço público nesta zona da cidade levou à proposta final.

Esta dissertação tem também como objetivo, focar a atenção nesta zona da cidade, para uma intervenção urbana significativa, a falta de importância dada as construções que foram sendo feitas, põem em causa tanto o património industrial como o património cultural da cidade. As ocupações sucessivas dos conventos e as construções nos não lugares, permitiram que o valor histórico e patrimonial se fosse dissipando. As infraestruturas industriais foram-se sobrepondo aos espaços públicos o que resultou numa zona de chegada de vale ao rio, com falta de espaços verdes qualificados.

Numa tentativa de aproximar as periferias ao centro da cidade foram feitas várias intervenções, a maior, na zona do Parque das Nações, com a Exposição Mundial de 1998 (EXPO'98), no entanto sente-se ainda um pouco desligada do centro da cidade. Podemos incluir também a Exposição do Mundo Português de 1940 em Belém, como uma intervenção de aproximar esta zona ao centro de Lisboa, visto que Belém era na altura uma zona ainda pouco povoada.

Com isto, podíamos pensar numa EXPO 2030 na zona de Xabregas, de forma a ligar a cidade pela frente ribeirinha desde Belém, baixa de Lisboa, Xabregas e Parque das Nações.

Fontes

Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, ANA - Uma geografia da Lisboa operária em 1890, 2016.

BARATA, A. M. - A ordenação do Espaço Litoral de Lisboa, 1860-1940. Escrita Nova - revista electrónica de geografia y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, 2009.

COSTA, Rita - Cidades de Água, Relação entre as cidades e as suas frentes de água, 2009.

DURÃO, V. C. M. - Análise Urbana de Territórios Construídos: Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal. Revista da Gestão Costeira Integrada, 2012.

FIGUEIRA, Jorge; MILHEIRO, Ana Vaz. O fim da fábrica, o início da ruína, em A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. Registo Docomomo Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005.

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge - Caminho do Oriente: guia do património industrial. Lisboa: LivrosHorizonte, 1999.

FOLGADO, Deolinda. O Lugar da Indústria no Território, em A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. Registo Docomomo Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005.

FURTADO, Mário - Do antigo sítio de Xabregas. Lisboa: Vega, 1997.

GACHINEIRO, Marta - Revitalização urbana e social do sítio de Xabregas, 2011.

GOMES, G. - Lisboa: a plataforma portuária e as ligações ferroviárias. V Congresso História Ferroviária, Palma, 2009.

MACHADO, Aquilino - "Os espaços públicos da exposição do mundo português e da Expo 98", 01 Colleção Expoentes, 1998

MARTINS, Ricardo - Caminho do Oriente: guia do olhar, fotografias da zona oriental de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

Mata, Maria Eugénia - Indústria e emprego em Lisboa na segunda metade do século XIX, 1998.

REIS, Jaime - A Industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913, 1987.

Referências Eletrónicas

GOOGLE MAPS, <http://www.maps.google.pt>

LX CONVENTOS, <http://lxconventos.cm-lisboa.pt/>

PDM DA CIDADE DE LISBOA, pdm.cm-lisboa.pt

PORTO DE LISBOA, <http://www.portodelisboa.pt>

PATRIMÓNIO CULTURAL, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

